

REVISTA DA SEMANA

N. 4 26-1-57 Crs 700 São Paulo Brasil

A PRÓXIMA GUERRA SERÁ ATÔMICA
AS AUTORIDADES FORAM RESPONSÁVEIS
PELA EXPLOSÃO DO "ROCK'N ROLL"



TÔNIA CARRERO

UMA DAS 10 MULHERES
MAIS BONITAS DO BRASIL



RETRATO DE UM POVO

Pouca coisa resta a dizer sobre o sacrifício heróico do povo húngaro em busca de sua liberdade. Esmagado impiedosamente pelos soviéticos, os húngaros não se entregaram, chamaram sobre si a atenção de todo o mundo ocidental. Agora, cessada a luta, começa a fuga em massa dos que não podem suportar a tirania, qualquer que seja a sua forma. Calcula-se em 80 mil o número dos que já fugiram. Na foto, um jovem ferido e aprisionado, quando tentava alcançar a fronteira com a Áustria. Veja-se a tristeza do seu semblante. Ele está muito mais abatido por ter perdido a oportunidade de fuga do que propriamente pelos ferimentos que sangram abundantemente.

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Rio — Cidade Estrangulada	4/7
O Segredo de Tônia Carrero	8/9
A Próxima Guerra Será Atômica	10/11
Os Irmãos Vitale Comandam o Assalto	14/16
A Reverência Diante da Rainha	24/25
Da Diplomacia Para o Cinema	32/33
Maria de Lourdes Monteiro	34/35
O Seleccionado Antônio Maria	46/49
Piedade Coutinho	50/51
Rock 'N' Roll	56/59
Puskas	60/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

CAPA



1956 foi um ano excelente para Tônia Carrero. Casou com o ótimo diretor de teatro Adolfo Celi, foi escolhida a melhor atriz do ano em São Paulo, e entrou merecidamente na lista das 10 mulheres mais bonitas do Brasil. (Ver reportagem às páginas 8 e 9 — Ektachrome de Yllen Kerr especial para a REVISTA DA SEMANA).

UM TESTAMENTO

Gabriela Mistral morreu. Diante de seu desaparecimento se prostraram seus irmãos, os poetas do mundo todo. Cecília Meireles, a nossa grande poetisa contou, numa entrevista, como conhecera Gabriela; é uma das mais belas páginas que sobre a poetisa chilena escreveu alguém. «Uma mulher autêntica», disse Cecília. Uma mulher que fôra menina pobre e que se viu mocinha merecendo um primeiro prêmio de poesia, uma mulher que viveu transformando sofrimentos em versos, até obter o mais alto prêmio jamais alcançado por um escritor da América Latina: o prêmio Nobel de Literatura.

Não conheci Gabriela Mistral; quando ela aqui morou andava eu longe dos meios intelectuais. Perdi assim a ventura de sentir uma «autêntica mulher»; dela conheço apenas alguns versos, pois nem sequer sei ou li toda sua obra. Mas nada disso importa, porque o pequenino telegrama que encontrei nos jornais me apresenta um retrato magnífico dessa magnífica poetisa.

Gabriela Mistral legou a medalha de ouro e o pergaminho recebidos com o Prêmio Nobel, ao povo do Chile. Assim reza seu testamento e todos os direitos autorais de suas obras literárias publicadas na América do Sul serão doadas às crianças pobres de Montegrande, cidade chilena que ela tanto amou. A menina pobre de outras eras quer que as crianças pobres de hoje tenham um pouco de ventura, um pedacinho de felicidade com os seus livros. Há testamento que melhor defina uma criatura do que esse?

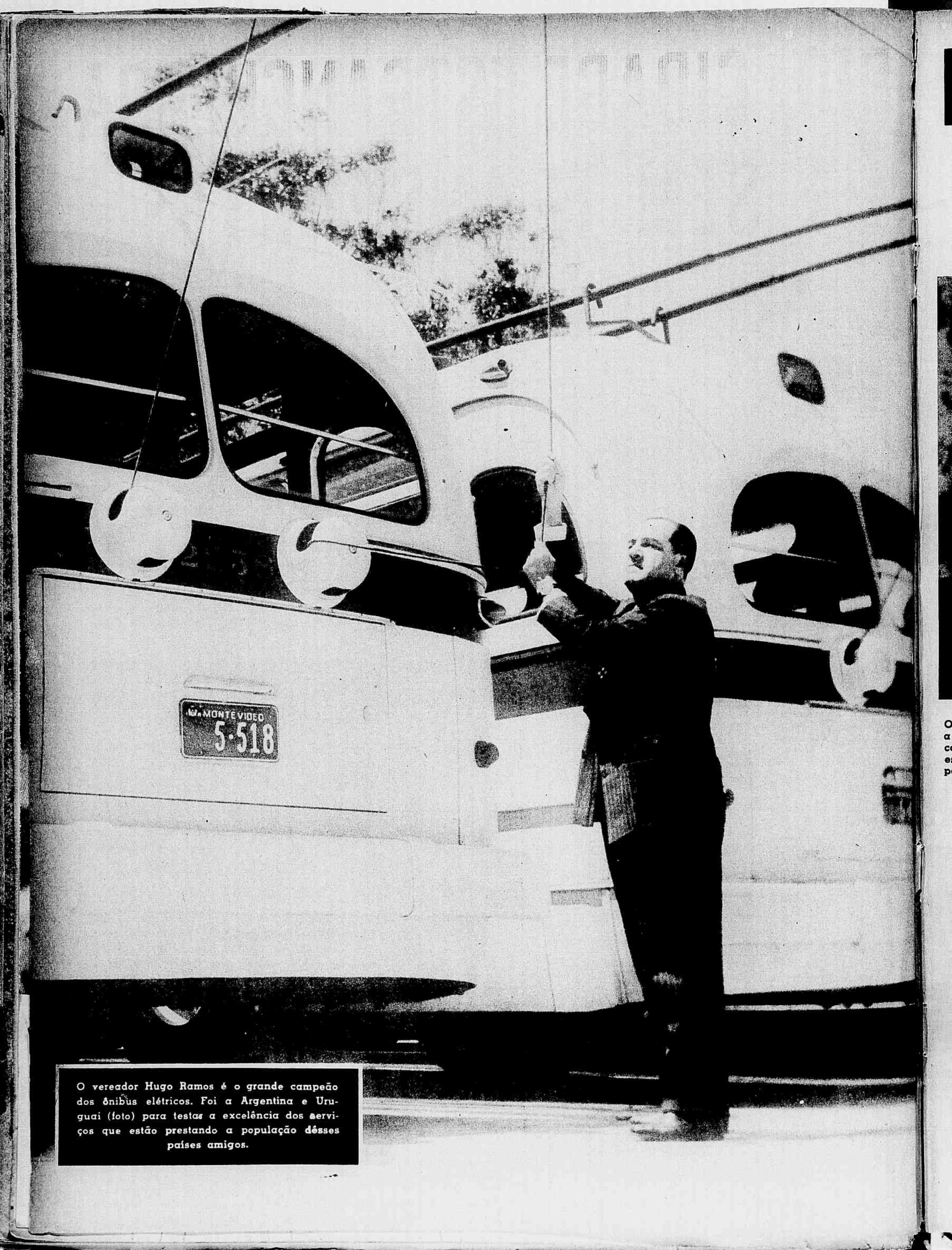
Seus imóveis no Chile também foram deixados para as crianças de Montegrande e foi seu desejo expresso no testamento que fôsse sepultada «na minha amada cidade de Montegrande». Quanto amor, quanta ternura encheu o coração dessa mulher capaz de amar uma cidade e pensar em crianças! Trabalhou como professora, aprendeu a ver, sentir os pequeninos, entendeu-lhes as almas, soube julgar o valor de suas alegrias e, morrendo, deixa-lhes seus bens, deixa-lhes o testemunho da ternura e do amor de que viveu cheio seu coração.

Gabriela foi sempre mãe, dizem vários dos escritores que sobre ela falaram. Que importa que não tivesse tido filhos seus, se amou as crianças dos outros, se a eles se dedicou como professora e agora deixa-lhes tudo ou quase tudo que possuía?

Gabriela Mistral foi uma excepcional criadora de belezas. Seus versos enchem o mundo e seu nome é respeitado e amado em todos os países, mas mesmo que Gabriela nada tivesse feito, mesmo que não tivesse vivido uma bela e profunda vida como nos conta Cecília Meireles, mesmo assim, só pelo seu tratamento, ela se tornava merecedora de todo o nosso amor, de todo o nosso agradecimento.

Não terão fome as crianças de Montegrande; aprenderão a ler e a cantar, poderão sorrir e brincar, as crianças pobres de Montegrande e se tudo tiverem é porque uma mulher, uma grande mulher fez poemas, publicou livros, plantou um nome literário, trabalhou e ganhou para dar às crianças os frutos de seu trabalho.

Não morrerá Gabriela Mistral. Mesmo que a esqueçam as memórias dos homens, dela se lembrarão sempre e sempre as criancinhas de Montegrande, suas herdeiras.



O vereador Hugo Ramos é o grande campeão dos ônibus elétricos. Foi a Argentina e Uruguai (foto) para testar a excelência dos serviços que estão prestando a população desses países amigos.

RIO, CIDADE ESTRANGULADA E SEM TRANSPORTES



O embaixador Negrão de Lima compreendeu imediatamente a importância dos ônibus elétricos para os cariocas. E ainda com s. exa. à frente da Prefeitura carioca os ônibus elétricos estarão trafegando pelo Distrito Federal. Este será o primeiro passo para a solução definitiva do problema dos transportes da capital da República.



Os ônibus elétricos virão resolver um dos mais angustiantes problemas do carioca — Em novembro dêste ano estarão inauguradas as três primeiras linhas (Castelo-Leme, Castelo-Urca e Castelo-Praça Serzedelo Correa) — Preço da passagem do ônibus elétrico: igual ao preço da passagem do bonde — Capacidade dos ônibus: 85 passageiros — O vereador Hugo Ramos foi o autor de tôdas as medidas legislativas visando a dotar o Rio do serviço de ônibus elétrico — Prefeito Negrão de Lima: grande administrador que compreendeu imediatamente as vantagens do novo serviço — Dentro de um ano tudo será administrado pela Prefeitura — Unificação de todos os transportes do Rio (como se faz nas grandes capitais do mundo) uma velha idéia do vereador Cotrim Neto, que trará enormes benefícios ao carioca — Entrevista exclusiva de Hugo Ramos Filho à «Revista da Semana».

Reportagem de ELMO LINS

Em novembro dêste ano, quando forem inaugurados os ônibus elétricos no Distrito Federal, haverá contentamento geral entre a população carioca. Mas haverá um homem (o vereador Hugo Ramos Filho) que estará mais contente que todos. Terá realizado o seu grande sonho de dotar a cidade de um moderno e eficiente serviço de ônibus elétricos, equiparando-a às grandes metrópoles do mundo. Mas contemos a história em detalhes.

Cidade de topografia difícil e de traçado mais que colonial, o Distrito Federal tem tido sempre um péssimo serviço de transportes. A princípio eram os bondes de burros. Depois, com a transformação da cidade, a Leite eliminou os burros mas manteve os mesmos calhambeques. Veículos morosos, sem elasticidade, congestionando o tráfego e esgotando a paciência dos passageiros. Depois da guerra inventaram os lotações. Mas estes transportam 18 ou 20 passageiros de cada vez, e matam mais do que isso pelo caminho, na sua fúria assassina. Esse é o tráfego de superfície do Distrito Federal, a capital do país. O vereador Hugo Ramos alimentou o sonho de dotar o Rio de um serviço de ônibus elétricos como os existentes em tôdas as grandes cidades do mundo. Mas os obstáculos sempre foram muito grandes, e os projetos que apresentou iam tendo sua discussão adiada. Mas, tenaz e paciente, o vereador Hugo Ramos não desistia. Finalmente em 56 (já com o sr. Negrão de Lima na Prefeitura), conseguiu transformar o sonho em realidade: o seu projeto criando o Serviço de Ônibus Elétricos foi aprovado.

Imediatamente o prefeito Negrão de Lima nomeou a Comissão de Organização e Julgamento da Concorrência, regulando as condições para as diversas firmas que se julgassem em condições de pleitear o serviço.

Concorreram 40 firmas representando 5 grandes grupos. Decorrido o prazo legal, as propostas foram abertas: a concorrência havia sido ganha (pela votação unânime dos membros da Comissão Julgadora, é bom que se diga) pela Sociedade Sulamericana de Eletrificação S/A (SADE), que chefia um consórcio de origem italiana, do qual participam firmas de renome mundial como a Fiat e a Alfa Romeu. É bom explicar que os demais consórcios concorrentes se organizaram para disputar apenas o serviço de ônibus elétricos do Distrito Federal, enquanto o Consórcio vencedor existe realmente há longos anos, tem ramificações em vários países e uma tradição de mais de 35 anos de grandes obras realizadas.

O vereador Cotrim Neto, também entusiasta dos ônibus elétricos, apresentou um projeto na Câmara Municipal unificando os transportes do Distrito Federal, a exemplo do que se faz nas grandes capitais.

Hugo Ramos Filho: há anos que
luta pelos ônibus elétricos. De-
pois de vencida essa batalha
iniciará a dos túneis.



da
esj
ma
va
cla
de
su
qu

po
da
da

ap
na

e

tê
Di

m

m
é
p
d
ri
se
p
a
lã
se
v
is
b
m
C
q
L

a
li
tr

e
P
P
P
tr
n
h
M
c
s

S
h
P
n
t
c
h
v

RIO, CIDADE ESTRANGULADA E SEM TRANSPORTES

VANTAGENS OFERECIDAS PELA FIRMA VENCEDORA

Na abertura das propostas (presentes jornalistas, vereadores, autoridades e interessados) foi pedido um voto de louvor à Comissão, «pelo espírito público e pela retidão com que se conduziu». Todos então (mesmo os perdedores), reconheciam que a firma vencedora oferecera mais vantagens que as outras. E reconheciam também que a SADE (firma classificada em primeiro lugar) podia oferecer tais vantagens pelo fato de já ser uma firma organizada, conhecendo realmente a fundo o assunto da concorrência, enquanto as outras se organizavam apenas naquele momento. Vantagens oferecidas pela SADE:

1º — Preço de sua proposta: 427 milhões de cruzeiros. Preço da proposta do 2º colocado: 524 milhões de cruzeiros. Portanto, a firma vencedora apresentou uma proposta 92 milhões de cruzeiros mais barata que a do 2º colocado.

2º — Financiamento total. No primeiro ano a firma vencedora receberá apenas 39 milhões de cruzeiros. A segunda colocada queria 153 milhões no primeiro ano.

3º — A SADE ofereceu um prazo menor para inauguração do serviço e soluções técnicas melhores.

4º — A SADE foi a única concorrente que respeitou integralmente os termos do edital e se colocou dentro da verba votada pela Câmara do Distrito Federal.

Como se vê, a Comissão não poderá hesitar, como não hesitou realmente, e proclamou vencedora a SADE.

CHORO DOS VENCIDOS

Diante do choro e dos recursos dos perdedores, o vereador Hugo Ramos exclama: «Nessa luta entre o mar e o rochedo, quem sai perdendo é o marisco. Enquanto poderosos grupos financeiros se agitam, brigando pelos seus próprios interesses (embora encobrendo-os com uma pseudo defesa da economia nacional), quem sai perdendo é a população carioca. Enquanto os perdedores esperneiam, o povo assiste nas filas, cansado, suarento, sem poder emitir sequer um protesto. Enquanto tenta-se por todos os meios esbulhar os vencedores, o povo continua obrigado a viajar nos calhambeques da Laite, ou em ônibus morosos e sem conforto que nunca se sabe se chegarão ao seu destino. O povo continuará sofrendo os abusos dos lotações, sujeitos aos perigos apavorantes desses veículos que circulam sem o menor respeito pela vida humana. Como se isso ainda não bastasse, querem que a população carioca sirva de cobaia para uma experiência, cujos únicos beneficiários serão esses mesmos elementos que querem retardar a instalação dos ônibus elétricos». O vereador Hugo Ramos, veemente e obstinado, fala horas sobre essa questão. Se quisesse, poderia comparecer ao programa «O Céu é o Limite» e responder sobre ônibus elétricos. Conhece tudo sobre eles.

RAZÕES DOS PERDEDORES

O vereador Hugo Ramos continua com a palavra, agora analisando as razões usadas pela firma colocada em 2º lugar: que a indústria paulista já estaria capacitada para fornecer em larga escala, os ônibus elétricos ao transporte do Rio:

«Infelizmente não é verdade. Visitei há pouco o Estado de São Paulo especialmente para verificar se a indústria paulista está aparelhada para fabricar esses veículos de tão complexa feitura, e constatei com pesar, que não há um único ônibus em construção. Apesar do vertiginoso progresso da indústria paulista em vários setores, em matéria de construção de ônibus elétricos nada foi feito. E o que se publicou a respeito não passa de uma burla. Nunca houve no Brasil uma concorrência pública tão livre e tão honesta quanto esta, e todos sabem como o prefeito Negrão de Lima é rigoroso nestas coisas. A Comissão Julgadora foi escolhida (e nomeada) pessoalmente por ele, e ninguém vai jogar a menor suspeição sobre ela».

DECLARAÇÕES FINAIS DE HUGO RAMOS

«Estou absolutamente certo que os ônibus elétricos serão o primeiro grande e decisivo passo, para a solução definitiva do angustiante problema dos transportes no Distrito Federal. São 4 os pontos cardiais desse problema: instalação dos ônibus elétricos; abertura de grandes e pequenos túneis; pavimentação de largas avenidas e construção do Metropolitano. Depois de vencida a batalha dos ônibus elétricos, me voltarei para a abertura dos túneis, que com a ajuda de Deus, e do alto espírito público do prefeito Negrão de Lima será outra realidade para melhorar a vida dos cariocas.



ALGUNS DETALHES SOBRE OS ÔNIBUS ELÉTRICOS

Os ônibus elétricos deverão ser inaugurados ainda este ano.

O preço da passagem dos ônibus elétricos será igual ao preço da passagem do bonde.

As primeiras linhas a serem inauguradas: Castelo-Leme; Castelo-Urca e Castelo-Praça Serzedelo Correa.

Haverá uma linha local na zona Sul, que será Leme-Leblon.

Serão construídas 10 linhas: Castelo-Cosme Velho, Castelo-Copacabana, Castelo-Urca, Castelo-Leme, Castelo-Praça Serzedelo Correa, além de várias linhas do Castelo para o Leblon.

Os ônibus elétricos transportarão 86 passageiros. 43 em pé e 43 sentados.

40 firmas participaram da concorrência, representando 5 grandes grupos.

A Comissão julgadora apresentou um relatório fabuloso, detalhando todas as suas atividades.

A segurança dos ônibus elétricos é absoluta, e não há possibilidade de desastre.

Pelo mesmo preço, os ônibus elétricos transportarão um número muito maior de passageiros, num tempo infinitamente menor.



56 foi um ano excelente para Tônia Carrero, que acumulou sucessos com a sua recente formada companhia teatral.

versa nos mostrou uma característica rara de Tônia Carrero, uma qualidade que poucas mulheres muito bonitas têm: a faculdade de ter amigas. Senhoras e moças que se aproximam dela desconfiadas com a «estrêla», se perguntando intimamente se ela não será muito «vamp», acabam vencidas pela sua simplicidade, pela sua graça natural e camaradagem. Homens que se aproximam «com más intenções» e galanteios estudados ficam desarmados pela sua simpatia — e a princípio melancolicamente, afinal com todo o gosto, se resignam a ser apenas seus amigos.

Um dos seus segredos é seu entusiasmo sincero pelas qualidades alheias, inclusive pela beleza de outras mulheres. Não se trata de gentilezas estudadas, mas de simpatia espontânea de uma pessoa sem despeitos, sadia, uma pessoa humana que aprecia pessoas humanas. Há mulheres bonitas que são «competitivas», estão sempre caçando os defeitos e fraquezas das outras; se elogiam as «concorrentes» é para mostrar «fair play» ou superioridade. Tônia não perdeu sua faculdade de admirar. Isso não quer dizer que ela seja um anjo e não tenha espírito de crítica, nem que fale com «espírito cristão» de inimigas e inimigos. Sua crítica entretanto não é azêda, não tem travo. Ela é principalmente uma pessoa que sabe rir e ri muito, sem medo de parecer vulgar, sem se sentir obrigada a ir apenas até um «sorriso malicioso» muito «ladylike» de certas grã-finas. Talvez essa sua maneira de ser provenha de uma virtude fundamental: vitalidade.

FALEMOS MAL DE TÔNIA

Mas o repórter se queixa: não foi encarregado de escrever um ditirampo. Quer ouvir críticas. «Vamos falar mal de Tônia Carrero?»

Vamos, concorda uma das amigas. E diz que ela tem tendência a se vestir mal. Só agora, aos trinta e poucos anos, é que ela está aprendendo a se vestir. Sua longa temporada em S. Paulo lhe fez bem; ela custou a convencer-se de que uma beleza como a sua, toda colorida, toda luminosa, toda radiante, exige roupas bem discretas. Seu bom gosto natural, apurado pela educação e pelo convívio com artistas e pessoas inteligentes, sempre funcionou bem em relação a tudo: literatura, teatro, música, pintura, decoração. Sem ser afetada nem assumir ares de intelectual, Tônia é uma pessoa com quem se pode trocar impressões e discutir sobre um poema, um noturno ou uma gravura antiga ou um quadro «concretista» — mas na hora de se vestir cometia erros infantis. Ela nega isso — comenta uma de suas amigas — e fica furiosa quando a gente fala, mas a verdade é que ouve, e tanto ouve que já

O SEGRÊDO DE TÔNIA CARRERO

AMIGAS ÍNTIMAS, CUJOS NOMES SÃO REVELADOS, FALAM (BEM E MAL) DE UMA DAS DEZ MULHERES MAIS BELAS DO BRASIL — COMO ELA ENGANA O SEU PÚBLICO — QUANDO A BELEZA TRABALHA CONTRA.

Reportagem de MIRA ROSENTHAL

Há um segredo terrível a respeito de Tônia Carrero — dizia-nos uma sua amiga íntima: ela vive enganando o seu público.

E explicou: os que a vêem no cinema, ou no teatro, ou numa capa de revista pensam que ela é bonita. Mas acontece que na intimidade, de manhã, em sua casa, de cara lavada...

A amiga íntima fez uma pequena pausa e concluiu com a voz mais baixa: de cara lavada ela é muito mais linda.

Depois da revelação, as explicações. Em primeiro lugar, Tônia Carrero não é fotogênica. As mulheres que «fotografam» realmente bem são as de ossos salientes, de ângulos marcantes, de queixos nítidos — e Tônia é toda suave. Além disso sua beleza se baseia muito em suas cores naturais — a dos lábios, de um rosa pálido, dos cabelos, de um louro quente, dos olhos, de um azul de Capri. Tudo isso na base de uma pele maravilhosa, de um branco de marfim que doura bem ao sol, doura sem avermelhar, suavemente. E há mais. As fotografias raramente fazem justiça ao nariz de Tônia, verdadeira obra prima de desenho delicado e firme em seu rosto suave. Quando você estiver conversando com ela — continuou a amiga — repare em suas narinas. Não são buracos, são dois talhos feitos a gilete nas asas do nariz, de uma delicadeza impressionante. Ela que à primeira vista é uma beleza «vistosa», beleza fácil, instantânea, de louro de olhos azuis, acaba surpreendendo mais pela delicadeza dos detalhes. As brasileiras têm tendência a uma certa generosidade de busto, mas a braços finos; ela, pelo contrário, tem o busto discreto, embora muito bem modelado, e os braços fortes. As mãos, entretanto, são de pulsos finos e dedos longos, de uma grande espiritualidade; as mãos e os pés. Quando eu lhe falo de Tônia, de cada lavada, acrescento isso: e descalça...

ELA TEM A CORAGEM DE RIR

Avisamos ao leitor que esta reportagem é absolutamente autêntica: para escrever alguma coisa sobre Tônia procuramos uma grande amiga sua, que fomos encontrar em companhia de mais duas senhoras. A con-

aprendeu muito. Mas quantos anos levou para concordar em que a cor natural de seus cabelos e a linha natural de suas sobrancelhas são mais bonitas que qualquer artifício?

VENCER A PRÓPRIA BELEZA

Os críticos teatrais de S. Paulo a apontaram como a melhor atriz de 1956. Seu talento, sua sensibilidade e seu esforço venceram assim o «parti-pris» causado pela sua extraordinária beleza. A gente resiste a admitir que uma mulher tão bonita possa ser uma verdadeira artista. Só nos últimos dois anos o público e a crítica foram obrigados a «entregar os pontos» e a admitir que Tônia é um dos valores mais sérios e autênticos do teatro brasileiro.

Sua vida é bastante conhecida através de entrevistas e reportagens. Nome de solteira: Maria Antonieta Portocarrero, chamada em família Mariinha e, pela avó, Maricota. Carioca, de uma família de militares e professores, fez, depois do ginásio, o curso completo da Escola Superior de Educação Física. Seu primeiro marido foi um artista conhecido, Carlos Thiré, bacharel e desenhista vindo de uma linhagem de professores de matemática; hoje é homem de televisão, mas andou algum tempo no teatro como cenarista e no cinema, e que foi um bom (e premiado) diretor. Também se sabe que ela tem um filho de 13 anos, e que voltou a se casar com um excelente diretor de teatro, Adolfo Celi, italiano, com quem integra a trupe Tônia-Celi-Autran de sua vitoriosa companhia teatral. Não vale a pena lembrar os filmes e peças de teatro em que Tônia funcionou. No momento está fazendo uma pequena temporada em Poços de Caldas; logo voltará a S. Paulo e excursionará por vários Estados do Brasil. Planeja, para depois disso, uma viagem de passeio à Europa, onde já esteve uma vez. Quando vem ao Rio vive em Ipanema, onde, segundo o entusiasmado cronista ipanemense Rubem Braga ela «ensina o sol a ser louro e o mar a ser mais azul...» Estamos citando de memória; o cronista escreveu isso melhor; mas assim mesmo é bonito, e é verdade.

Tônia sempre foi uma das mulheres mais bonitas do Brasil. Seus amigos íntimos há muito que proclamaram essa verdade, agora ratificada em seleção que obteve repercussão nacional.



A PRÓXIMA GUERRA

O NOVO COMANDANTE SUPREMO DA OTAN, GENERAL AVIADOR LAURIS NORSTAD, DIZ QUE É IMPOSSÍVEL DEFENDER A EUROPA SEM AS ARMAS NUCLEARES. — OS GENERAIS AMERICANOS ANALISAM FRANCAMENTE O PODERIO AÉREO DA AVIAÇÃO RUSSA

“O S nossos planos se baseiam na utilização, completa e imediata, de armas atômicas, numa guerra generalizada».

Esta informação foi dada pelo general Lauris Norstad, comandante supremo das forças do Tratado do Atlântico Norte, na Europa.

Norstad, homem alto, magro e louro, com 49 anos de idade, é o primeiro oficial aviador a assumir um comando estratégico de forças combinadas. É um sinal dos tempos — e da concepção de guerra que se adotou, depois da Segunda Guerra Mundial — que o substituto dos generais Eisenhower, Ridgway e Gruenther seja um general de aviação.

Reforçando essa observação, o general Norstad disse à revista **US News & World Report**, o mais autorizado semanário republicano, que se fosse proibido de usar armas atômicas não poderia defender a Europa de um ataque desferido pela União Soviética.

USO OBRIGATÓRIO

— «Se as nossas forças receberem ordem de combater, os nossos planos, que foram aprovados pelo Conselho da Organização do Tratado do Atlântico Norte, obrigam ao uso das armas atômicas» — explicou Norstad.

— «Isto significa que, do ponto de vista militar, o uso dessas armas é considerado essencial no caso de um ataque de grande magnitude ou de uma guerra geral. E estou convencido de que elas deverão e serão utilizadas na quantidade necessária para que se alcance aquele objetivo principal.

O PODER ATÔMICO

O general Norstad esclareceu que a autorização para o uso de armas atômicas deve ser dada pelo Conselho da OTAN e afirmou que as suas forças podem lutar, com as armas chamadas convencionais, com mais eficiência do que as tropas que fizeram a Segunda Guerra Mundial.

Mas, também, informou:

— «É muito difícil distinguir entre as forças atômicas e as convencionais. Quando a imprensa fala em forças convencionais está, via de regra, se referindo à divisão de infantaria. Mas, qual é o poderio de fogo da moderna divisão de infantaria? No Exército dos Estados Unidos é, essencialmente, o poder atômico de fogo e a divisão se organiza dependendo, inicialmente, disso».

REFORÇO ALEMÃO

O general não quis dizer qual o poderio aéreo das forças da OTAN mas afirmou que é cinco

vêzes maior do que era quando da organização do sistema de defesa europeu. Disse que, em breve, 1.300 aviões alemães serão engajados sob as suas ordens e que, no caso de guerra, receberia o reforço das forças aéreas estratégicas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

Sobre o poderio aéreo russo, o general Norstad disse:

— «Fala-se muito sobre os 21 mil aviões da Rússia. Nós costumamos esquecer que, no caso de guerra geral, eles terão de se defenderem contra ataques em 360 graus e num enorme perímetro.»

O PODERIO RUSSO

Aliás, sobre o poderio aéreo russo, as opiniões dos chefes da força aérea americana são otimistas. O general Nathan Twining, chefe do Estado Maior da Força Aérea dos Estados Unidos, visitou Moscou em junho do ano passado e fez as seguintes observações, comprovadas pelos serviços militares de informações:

1 — Em matéria de aerodinâmica, os russos estão três anos atrás dos norte-americanos.

2 — Em manutenção, há coisas muito primitivas, com aeródromos sem hangares. Os trabalhos de dispersão dos aviões pelos campos — para escapar ao ataque inimigo — são deficientes.

3 — A produção de aviões não é tão organizada quanto a norte-americana. Isso significa que, em caso de guerra, a produção americana ultrapassará a russa, com facilidade.

A DOUTRINA FAULKNER

O romancista norte-americano William Faulkner escreveu uma carta, muito curta, ao **The New York Times**, sobre a política internacional dos Estados Unidos. O autor de **Sanctuary** e **Intruder in the Dust**, referindo-se à crise no Oriente Médio, agravada pela intervenção anglo-francesa no Egito, disse que, hoje em dia, talvez seja pior cometer uma tolice do que um crime.

Tolice poderiam cometer os Estados Unidos se ficassem de braços cruzados, sem tomar a iniciativa, no Oriente Médio. Essa é a opinião de Faulkner que afirmou não necessitar os Estados Unidos de um bom golfista (Eisenhower) mas de um jogador de **poker** com muito sangue frio nas veias.

Pouco depois, o governo norte-americano formulava a Doutrina Eisenhower, adotando uma política de iniciativa no Oriente Médio, como Faulkner pedia. As opiniões do romancista não pesaram na balança das decisões norte-americanas. Em matéria de literatura, o presidente Eisenhower prefere histórias de «cow-boys». O

secretário do Tesouro, Humphrey, comentando o livro **The Old Man and The Sea**, de Ernest Hemingway, disse certa vez que não compreendia como alguém podia perder tempo lendo a história de um pobre e velho pescador fracassado.

A Doutrina Eisenhower não deve ser muito do agrado do autor de **Mosquitoes** pois não passa da versão modernizada da política do **big stick** (porrete) de Theodore Roosevelt, de tão triste memória na América Latina. Faulkner, cuja posição liberal é muito conhecida, especialmente por ser um campeão da igualdade racial, no sul dos Estados Unidos, foi um dos fundadores do Congresso pela Liberdade de Cultura, com Ignazio Silene, Jacques Maritain, Bertrand Russell, Albert Camus, Benedetto Croce e Salvador de Madariaga. Arqui-inimigos do totalitarismo, esses homens se bateram, a vida inteira, pela autodeterminação dos povos e pela liberdade do homem.

A Doutrina Eisenhower, sem as emendas que os legisladores democratas prometem aprovar, é o reconhecimento, puro e simples, da dependência dos países do Oriente Médio. A velha política de intrigas da Inglaterra e da França naquela área é substituída pela presença vigilante da Sexta Esquadra Norte-Americana, que patrulha o Mediterrâneo. Por outro lado, os interesses petrolíferos norte-americanos ganham terreno sobre os ingleses e os franceses. Um dos planejadores da Doutrina Eisenhower foi o sub-secretário de Estado Herbert Hoover Junior — filho do famoso presidente da Era da Depressão — que é acionista da **Union Oil**, empresa que explora petróleo naquela área.

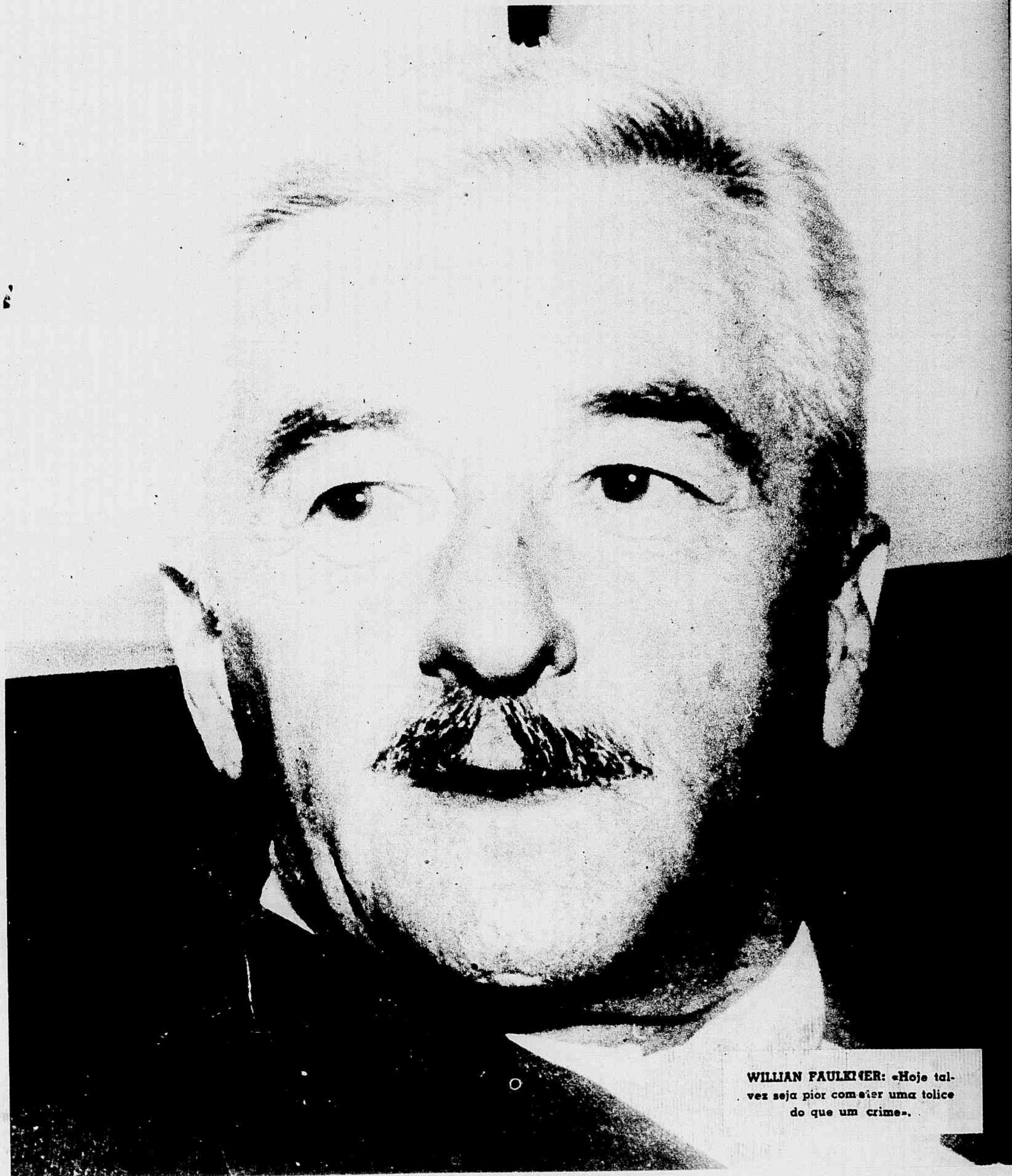
Foi uma decepção a proposta dessa doutrina quando se esperava que Eisenhower conseguisse superar — depois de sua estrondosa vitória eleitoral e dos entendimentos com Nehru, o primeiro ministro da Índia — as velhas teses intervencionistas.

Os Estados Unidos, por intermédio da Doutrina Eisenhower, darão argumentos aos russos (que sempre estiveram de olho no Oriente Médio) para que estes aumentem a sua influência nos países árabes. Quando Faulkner disse que os americanos precisam de um bom jogador de **poker** não se lembrou de recomendar, também, que esse estadista lesse alguma coisa além de novelas sobre o **Far-West**. Não era preciso que lesse, por exemplo, as obras de Faulkner que, afinal de contas, é apenas um romancista e não um teórico político. Bastava, apenas, que o presidente dos Estados Unidos lesse o livro de Dale Carnegie «Como fazer amigos e influenciar pessoas».

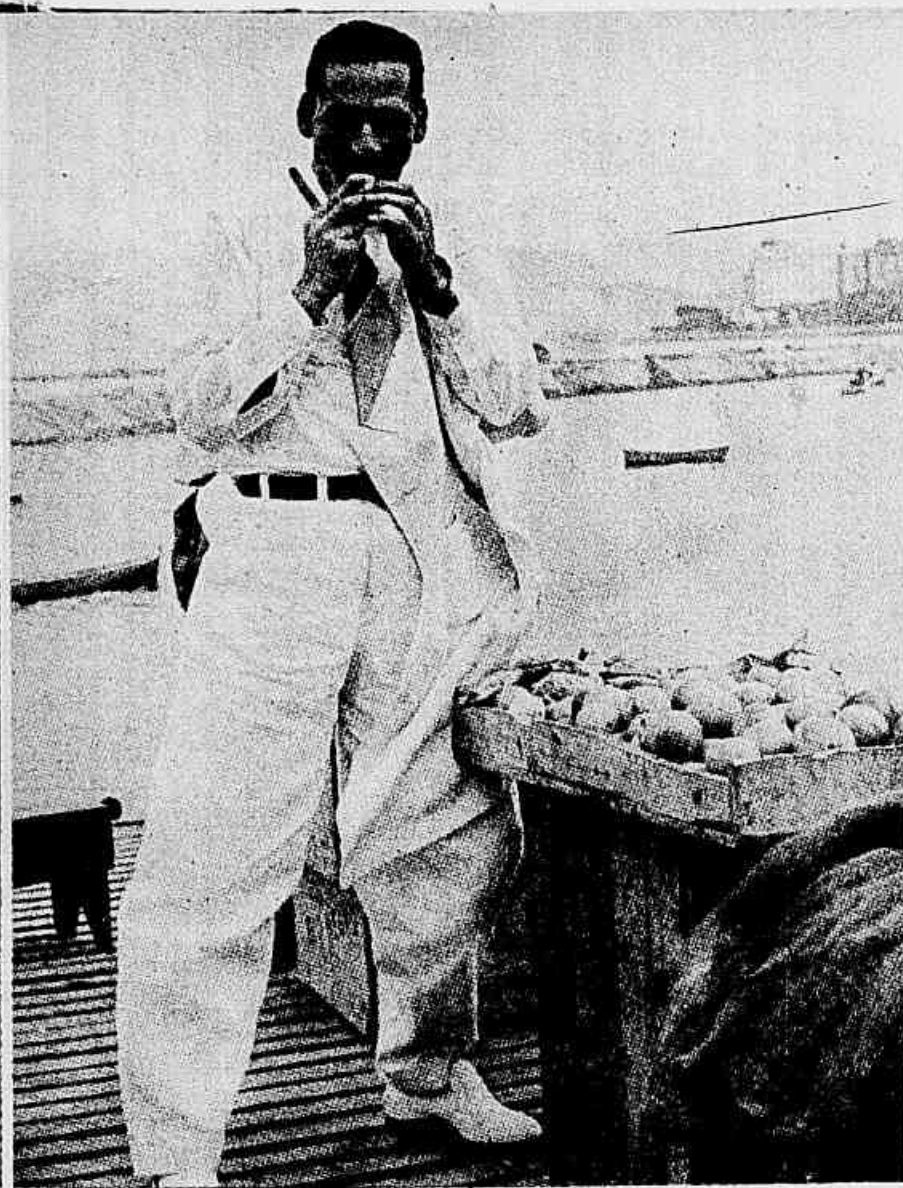
Os Estados Unidos estão precisando, urgentemente, disso.

SERÁ ATÔMICA

Reportagem de
HERMANO



WILLIAN FAULKNER: «Hoje talvez seja pior cometer uma tolice do que um crime».



VALE A PENA LER DE NOVO

IBRAHIM SUED (O Globo) «A MUNDIAL» revista «Variety», num dos seus últimos números, em um artigo sobre o Brasil, diz o seguinte: «Dos artistas brasileiros, as honras da melhor cantora popular cabem indiscutivelmente a Marlene. Uma jovem atraente, que canta somente em português (isso é importante), vestindo-se no estilo de elegância internacional, desprezando inteiramente os clássicos cestos de flores e frutas da Bahia. Uma cantora de samba com personalidade própria».

ANTÔNIO MARIA (O Globo) (DIVERGENCIAS) Estou agora me inteirando da nova campanha que está sendo movida contra o editor Vitale. Notas em jornais, algumas grosseiras e descabidas. Outros compositores traem e abandonam o seu editor que é um dos poucos defensores do direito autoral no Brasil. Voltarei ao assunto após conhecer os pormenores de mais essa investida contra Vicente Vitale, a quem continuo hipotecando minha solidariedade mesmo sem receber «regularmente» os meus direitos autorais, diante da situação anormal, criada com as discussões em julgo acerca das nossas rendas. Voltarei ao assunto.

CHEGOU A VEZ DO PALHAÇO!

QUEM SABE O SEGREDO DE GANHAR O CARNAVAL? ★ O HOMEM DO CHAPEU "GÉLOT" FAZ TESTE COM OS GRA-FINOS ★ JORGE VEIGA QUER VIRAR NOME DE RUA E NEGRÃO SABE DISSO ★ EU TAMBÉM VOU "PRÁ MARACANGALHA" ★ VAMOS OUVIR JORGE VEIGA

CHEGOU A VEZ DO PALHAÇO!

ESTA aí um homem que ninguém sabe como e de que maneira ele ainda não deu a clássica manca de cair do alto, como muitos fazem quando se encontram com a glória. Não mudou nem o jeito de andar, aquele bamboleio que é muito de samba, aquele vestir à sua moda, aquele modo de falar simples e ingênuo que dá até descanso de graça no corpo da gente. Está ali um homem nervoso, mas sabendo bem como é triste falar em tristeza, resolve soltar sorrisos e mais sorrisos, mesmo sem estar cantando, o que lhe dá uma marca inconfundível de personalidade. Jorge Veiga está aqui, junto de nós falando agora, agora que é Carnaval o assunto. Falar de Momo perto dele: «não sou Carnavalesco. Passo o ano inteiro cantando e como não tenho vocação pra cigarra, nos quatro dias calo o bico e deixo a rapaziada na rua cantar por mim».

— Carnaval é coisa séria para quem canta e para quem faz música: «a gente arrisca como no bicho — com licença do Padilha — e solta as «bombas» na rua. Se der o bicho, vai da valsa? é ficar sentado e deixar o dinheiro ir entrando que só sardinha em rede de pescador de sorte. Jorge Veiga vai contando tudo num atropelo de alegria. Mas deu vontade de perguntar:

— Esse negócio de fazer sucesso no Carnaval obedece a uma certa lei; há como um caminho certo a seguir?

— Eu disse que é como o jogo do bicho. Feliz do homem que soubesse que hoje iria dar elefante. Se despendava da tromba ao rabo do bicho e logo mais era só ir apanhar o «capim mimoso». Que nada! O que há por aí é muita propaganda. Eu já vi o Russo do Pandeiro ganhar um Carnaval sem ao menos ter gravado a música. Era aquele:

«Está em cima da hora
Nêga não chora,
que eu vou embora»...

Quem foi que mandou contra ele? Ninguém! A música pega porque pega. Eu fiz sucesso com «Eu Quero É Rosetá» mas a música de fé naquele ano não era ela. A gente pode «assuntar», isso sim. Eu por exemplo gosto de testar as músicas com a grã-finagem. Sabe como é, o «society» é público duro, difícil, americanizado; se ele aceita a turma de casa já é mais branda — é bom sinal. Foi o que eu fiz outro dia quando trabalhava no «36». Cantei o «Palhaço». A turma do «gélot» bateu palmas e pediu bis. O meu cronômetro marcou bem. E lá vou com pé na tábuia e fé em Deus na luta do Carnaval. A corrida é grande e a gente não pode «desmunhecar».

NESTA ALTURA

Então lembramos que já haviam dito, escrito e comentado que existia uma possibilidade longínqua de Jorge Veiga virar nome de rua, na sua rua. Ele respondeu achando graça:

— Prá mim seria a mesma coisa, mas se o «prefeito boa praça», fizesse esse negócio, ele estaria facilitando ainda mais o serviço dos correios, pois eles conhecem a minha rua como Rua Jorge Veiga. A rua chama-se «Honório». O sr. sabe quem foi Honório? Nem eu! Afinal de contas uma plaquinha a mais uma plaquinha a menos não ia atrasar o lado de ninguém e só aumentava o cartaz do «papai». O Rio de Janeiro está cheio de nomes de ruas assim: Rua Azul, Rua Alice, Rua da Pedra do Sal. Ora, se não bota nome de gente que existe ou pelo menos que existiu e a gente manja ou então numera que fica mais fácil.

CARNAVAL

Mas voltamos ao Carnaval. E essa pergunta sacudiu o corpo do nosso mais autêntico sambista:

— Você não tem medo de «Maracangalha» também no Carnaval?

— Se tenho! Caymmi está jogando muita bola com esse samba e eu já soube que o Aloísio de Oliveira lá na «Odeon» já gravou a música com coro e muito tamborim. É samba dos fortes, mas eu vou com ele, pois se Caymmi não quiser ir eu vou só, mas vou pra cabeça!

— Então, Jorge Veiga abriu a boca e perto nos disse como segredo o que é que ele espera que o povo cante:

«Chegou a vez
Do palhaço gargalhar
Achando graça,
De ver o circo queimar»...

Ri, ri, palhaço
Minha história é igual a tua
Eu também hoje zombo
Dos amôres da rua...

E lá se foi Jorge Veiga, esta estranha figura que venceu por saber querer e por não negar nunca aos que falam de perto aquele sorriso bom, nem de falar nunca em tristeza que é mal desse tempo cheio de estrôncio 90.

EM MATÉRIA DE DISCOS

A «Columbia» nos diz que são esses os mais pedidos em 78 rotações:

«Harlem Noturne» — Dick Jurgens; «My Little One» — Frankie Laine; «Espinita», Trio Los Panchos; «Conceição» — Cauby Peixoto; «Zezé» — Déo; «Como é Bom Dançar» — Carlinhos; «Linda Flor» — Zezé Gonzaga; «Dolores» — Lina Bitencourt; «Ribalta» — Carlinhos.



DORIS DAY

DORIS DAY — a louríssima que muitas vezes nos encontrou nos seus filmes, acaba de lançar dois L.Ps.: «Ama-me ou Esquece-me» e «Doris Day em Hollywood». São dois discos «Columbia» que valem como sugestão para a sua discoteca.

CRÔNICA

ATÉ O ZÊQUINHA NÃO PODE
DORMIR EM PAZ!

O homem passa por essa vida — homem normal — sempre preso a idéia de deixar alguma coisa de seu, para que a morte — invenção terrível — mesmo levando-o num vento, possa ser ele de quando em vez lembrado, por ter feito um bom ponto. Antigamente se costumava dizer que era preciso plantar uma árvore, escrever um livro e fazer um filho para deixar depois da morte raízes seguras. O tempo veio acabar com esta exigência tão fácil por um lado, num século em que ter um filho é um problema, — fala-se na seminação artificial —, os apartamentos não permitem árvores, e escrever hoje um livro não nada importante, pois a imprensa está cheia dos mais categorizados e bem vestidos analfabetos deste nosso querido Brazilzinho. Assim, é que ninguém mais pode dizer que sabe, sabe. A coisa é mesmo bola pra frente, vida dura e agressiva de passar tempo sem querer plantar nada à força, nem fazer ninguém nascer, sem o assentimento de todas as partes interessadas no rachachê das despesas.

Aquêle homem chamado Zêquinha de Abreu passou por essa vida como um sofredor. Viveu a vida dura de uma cidade do interior, amou, cresceu dentro de um funcionalismo, sabendo bem que tudo isso era uma maneira de fugir àquilo que sua alma de artista pedia, que era cantar melodias. Não viu seus êxitos agigantados como agora que o mundo inteiro canta e louva a beleza e a brejeirice do «Tico-Tico no Fubá». Viveu num tempo em que compositor era derivado de homem que sabia ler e escrever música e não nesses de agora, que mais vale um sabonete na mão que um título de «melhor» para o autor de «Maracangalha». Zêquinha de Abreu construiu um trabalho de arte, partindo de um ponto de saber querer, abdicando de tudo que fôsse mais fácil — assinar ponto de entrada e saída — e os olhos e as mãos depois de ter escrito em boa letra o seu nome na história mal contada da música popular brasileira. Mas há sempre quem fica de fora do muro do sucesso que nada mais faz que catucar o que foi feito, escarafunhar o que é bom, jogando pitadinhas de veneno, fruto da boa ramagem do despeito e da inveja. Foi o que fizeram recentemente com Zêquinha de Abreu, pretendendo provar que o «Tico-Tico no Fubá» era um plágio do também falecido Ludwig Van Beethoven. Se Rubens Amaral, não corre apressadamente e pelo seu magnífico programa na «Globo», «Mesa Redonda» e junta gente de música — gente mesmo — e já o nosso Zêquinha poderia a essa altura estar entrando para o anedotário carioca, sempre rápido e atento a esses fatos. Foram homens que sabem bem de música: Arnaldo Estrêla, Mozar Araújo que por A mais B, nota por nota, absolveram o compositor brasileiro de uma gatinagem contra aquele seu colega alemão.

Não fôsse Zêquinha de Abreu de fato um nome de valor autêntico, não fôsse a sua bagagem musical viva até hoje e leigos não se teriam metido na sua vida já morta, para desmoralizá-lo, quando, nesses dias de agora, neste instante que é este, não há um plágio e sim um punhado deles, gravados, cantados e repetidos na boca dos cantores atuais, vivinhos da silva mas sem que a importância de seus nomes dê margem para uma conversa de interesse. Almirante, num programa seu, «O Tribunal de Melodias», apontou tanto plágio que acabou fazendo um faturamento enorme de inimigos na classe de compositores — com exceção dos autênticos. Vai daí, que o tirinho saiu pela culatrinha e vale aqui bater palmas ao nosso Rubens do Amaral.

QUATRO FOTOS
SÃO NOTÍCIAS



Um grupo na «Continental». Da direita para a esquerda: João de Barro, de cabelos brancos de tanto sucesso. Dóris Monteiro, Sávio Silveira e Fernando César — que foi eleito pela «Revista do Rádio» o «melhor compositor de 1956». Isso deu um «galho», mas sem resultados, uma vez que Caymmi não anuncia.



Angela Maria foi mais uma vez eleita a «melhor» de 1956 — isso no concurso da «Revista do Rádio». O seu sucesso foi um tango argentino feito no Brasil. Aqui está ela — que no momento parou de cantar por imposição médica — ao lado do animador Fausto Guimarães, a quem os artistas muito agradam, porque ele é um grande «trabalhador» de músicas.



Elisete Cardoso aprende música nova, para o seu repertório de após-Carnaval. Este ano que passou foi de intensa atividade artística para Elisete que fez Rio-São Paulo, rádio, televisão e «boite». Agora descansa um pouco, pois não combina muito com Rei Momo e vai daí que aprende samba com Vera Regina e Sivan.



Se todas as artistas do rádio tivessem o gênio calmo e o jeito suave de Zezé Gonzaga, o rádio seria um lugar de muito mais comportamento. Ela lembra muito Neusa Maria nas atitudes. Vestê-se com sobriedade — nada de calças compridas em plena rua — não é de se «remexer», não é de atropelar e, nessa calma de maré ela vai faturando sucessos e sucessos.

OS IRMÃOS VITALE COMANDAM



— Eles não são editores: são «impressores de música».

O ASSALTO AO DIREITO AUTORAL

COMPOSITORES POPULARES, CHEIOS DE SUCESSO, QUE RECEBEM UMA MISÉRIA DE DIREITOS ★ E OUTROS QUE PRODUZEM POUCO E RECEBEM MUITO ★ MARINO PINTO, COM UMA BAGAGEM DE 300 COMPOSIÇÕES (GRAVADAS E EDITADAS), SUSPENDE O VÉU E CONTA OS VERDADEIROS PROPÓSITOS DA SOCIEDADE ARRECADADORA DE DIREITOS DE EXECUÇÃO MUSICAL DO BRASIL ★ UM CONTRATO ESCORCHANTE, FAZ NASCER UMA SOCIEDADE FANTASMA ★ «OS EDITORES ESTÃO COM O RABO PRESO NA RATOEIRA»

O DIREITO autoral do compositor popular brasileiro sempre foi assunto controverso, discutido, constantemente em ebulição. Nada menos que duas sociedades arrecadoras de direitos autorais, a União Brasileira dos Compositores e a Sociedade Brasileira de Autores Compositores e Editores de Músicas — esta nascida de uma ala dissidente da primeira — vinham, até bem pouco, cuidando dos interesses dos compositores, embora em constante luta com os editores comandados pelos Irmãos Vitale, donos de um legítimo «trust», que, por força de um contrato absurdo de cessão de direitos, sugava a parte maior dos proventos dos compositores e os manobrava a seu bel prazer. A pressão exercida pelos editores sobre os compositores assume, agora, aspecto mais grave, com a organização de uma terceira «sociedade», dita sociedade fantasma pela sua estruturação nitidamente fictícia, a fim de «justificar» propósitos ocultos.

O DEPOIMENTO DO COMPOSITOR

Marino Pinto, compositor dos mais conhecidos, autor de trezentas composições gravadas e editadas, levanta o véu que procura encobrir a Sociedade Arrecadora de Direitos de Execução Musical do Brasil — Sadembra — e conta para os leitores da «Revista da Semana» o que é essa «organização» dos Irmãos Vitale:

— A Sadembra é uma «sociedade» que se propõe a arrecadar direitos autorais e não (como manda a lei), defender o interesse do autor. Sociedade fantasma de um só dono que são os conhecidos Irmãos Vitale e cujos «diretores» tanto podem ser o dono da quitanda, o dono do armazém ou até o dono do caminhão-feira. Não é uma sociedade moldada na característica tradicional de uma entidade de autores e compositores. Sua diretoria compõe-se de advogados e empregados de Irmãos Vitale, Indústria e Comércio Ltda. No Rio, o advogado César Prado e o funcio-

nário Mário Beniamino Coparelli — se não me engano no sobrenome — são os «diretores» dessa nova subsidiária do grande «trust» Vitale e, em São Paulo, comanda as ações contra os compositores o advogado Pedrosa Horta, de triste notoriedade no caso das «papa-filas». Existem, é verdade, alguns «autores» no seu «quadro social». Todos, porém, ilustres desconhecidos e que ali se prestam a desempenhar o triste papel de testas-de-ferro. Como não poderia deixar de ser, todos os diretores dessa «organização» têm uma remuneração de Cr\$ 10.000,00, fixada nos seus estatutos.

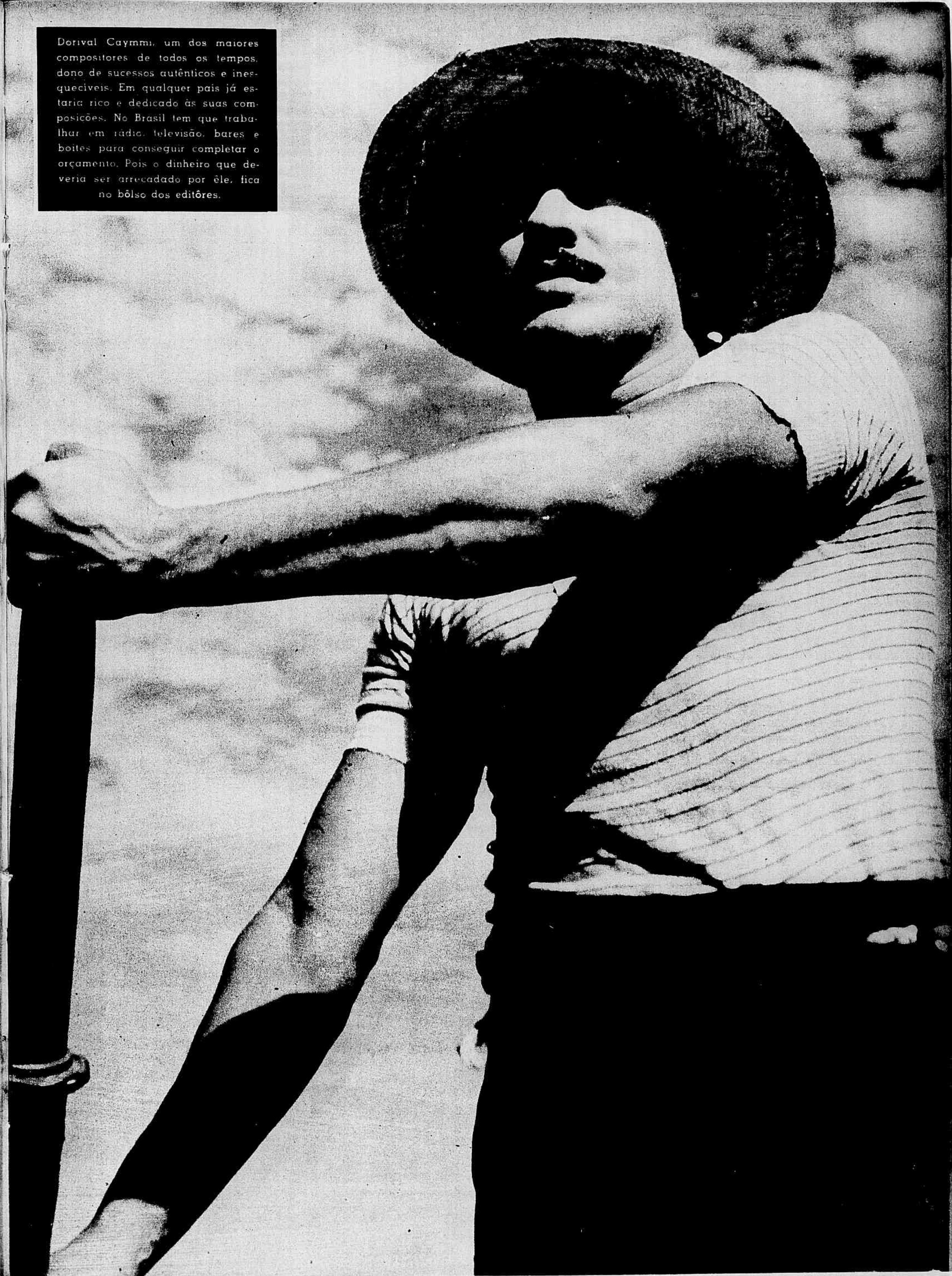
ARRECADAR É ILEGAL

Prossegue o autor de «Cabelos Brancos»: — Como bem diz o seu nome, a Sadembra se propõe simplesmente a arrecadar o direito autoral decorrente da execução de obras musicais do gênero popular. Entretanto, em face da legislação vigente não possui qualidades para tal. Estriba-se esse propósito na suposta propriedade que os seus «associados» Vitale, Mangione e caterva dizem possuir sobre obras pelos mesmos editadas, sob um contrato absurdo e escorchantes, ao qual os compositores têm que se submeter, porque são eles os «donos da música» no Brasil e estabelecem as suas condições.

A VIA-CRUCIS DO COMPOSITOR

Marino Pinto esclarece: — O autor cria a sua obra. Procura o cantor. Ensina-lhe a música. Vai à fábrica de discos para gravar a composição e, somente após esse trabalho insano, produto exclusivo do seu esforço e do seu trabalho, é que procura o editor. Aí então entra o jogo do poderio editorial. Ou o autor assina um contrato em formulário já impresso ou a sua obra não será editada. E depois de tudo isso, o autor tem que exercer uma espécie de trabalho de catequese junto às estações emis-

Dorival Caymmi, um dos maiores compositores de todos os tempos, dono de sucessos autênticos e inesquecíveis. Em qualquer país já estaria rico e dedicado às suas composições. No Brasil tem que trabalhar em rádio, televisão, bares e boites para conseguir completar o orçamento. Pois o dinheiro que deveria ser arrecadado por ele, fica no bolso dos editores.





OS IRMÃOS

VITALE

COMANDAM

O ASSALTO...

Osvaldo Gogliano — o Vadico das melhores composições de parceria com Noel Rosa é vítima constante da ganância dos editores — ouve com Marino Pinto e a cantora Helena Lima, a gravação de «Prece», um samba-canção cujo êxito pertence aos três, mas cujo direito autoral é canalizado para o editor.

oras e aos chefes de orquestra para difusão da sua obra. Com tudo isto, o editor tem nos célebres contratos de cessão de direitos uma percentagem de 33 por cento e, não contentes, ainda se dizem donos da obra.

CONTRATO QUE É UMA AUTO-CONDENAÇÃO

Eis os termos — prossegue Marino Pinto — do contrato absurdo, mas do qual o autor não pode fugir: «O autor cede, vende e transfere, em plena propriedade, para exercícios dos respectivos tributos em todo o mundo, a Irmãos Vitale, Indústria e Comércio Ltda., editores, estabelecidos à rua França Pinto nº 42, neste ato representado por Vicente Vitale, diretor da sucursal do Rio de Janeiro, à rua da Quitanda 17, 1º andar, ora designados editores, os direitos patrimoniais de autor, discriminados na cláusula 1ª sobre as composições musicais de sua autoria».

Este contrato — acrescenta Marino Pinto — é a usurpação integral de todos os direitos do autor para o qual o editor nada fez e cuja despesa de impressão das músicas, despesa total, é coberta pelas entidades arrecadoras através a requisição de milhares de exemplares para fins de divulgação entre as orquestras de todo o país. Como se vê, nós não temos editores na verdadeira acepção do termo e sim «impressores de música». E é por meio desse contrato nulo de pleno direito, pela imoralidade e pela ilegalidade de suas cláusulas, que os editores do grupo Vitale se intitulam donos de obras que não criaram, não mostraram, nem ensinaram aos cantores e nem contribuíram para a sua gravação. E, ainda mais, querem agora, por intermédio dessa Sadembra, exercer o controle do direito de execução, controle esse inoperante, desde que o autor ao filiar-se a uma entidade autoral — seja a UBC, seja a SBACEM — cedeu à mesma esse controle. Os Irmãos Vitale não estão agindo de boa fé e pretendem desmascarar-se de uma vez por todas perante o conceito público... E — ainda mais — eles nunca se manifestam de público quando há uma reivindicação dos compositores ou quando são criticados. E não o fazem porque estão com o rabo preso na ratoeira...



— Quando o então deputado Getúlio Vargas apresentou o projeto de lei criando o direito autoral, longe estava de pensar que o mesmo iria servir de gorda presa dos editores.

Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são de aço inoxidável, com amortecedores hidráulicos, dispo de carro-salões, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço do leito nos trens «Vera Cruz» e «Santa Cruz» é de Cr\$ 120,00 para os inferiores

e Cr\$ 100,00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150,00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90,00 para os inferiores e Cr\$ 70,00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)

1) — Ramal de São Paulo

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)

— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22.40
Barra do Pirai	0.41	0.49
Cach. Paulista	3.47	3.49
Roosevelt	6.00	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)

— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	0.00	3.12
Barra do Pirai	3.06	6.15
D. Pedro II	6.15	—

2) — Linha do Centro

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)

— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.10
Barra do Pirai	22.21	22.34
Três Rios	0.24	0.29
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.28	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.56
Belo Horizonte	11.00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.59	2.01
Santos Dumont	3.05	3.11
Juiz de Fora	4.15	4.22
Três Rios	6.07	6.13
Barra do Pirai	8.03	8.12
D. Pedro II	10.15	—

PREÇOS DAS PASSAGENS

1) — Ramal de São Paulo

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)

De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Pirai	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 403.00
Roosevelt	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)

De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 266.00	Cr\$ 377.00
Barra do Pirai	Cr\$ 266.00	Cr\$ 479.00
D. Pedro II	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

2) — Linha do Centro

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)

De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Pirai	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Três Rios	Cr\$ 201.00	Cr\$ 361.00
Juiz de Fora	Cr\$ 229.00	Cr\$ 410.00
Santos Dumont	Cr\$ 245.00	Cr\$ 441.00
Barbacena	Cr\$ 263.00	Cr\$ 473.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 283.00	Cr\$ 520.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Belo Horizonte	Cr\$ 188.00	Cr\$ 337.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 223.00	Cr\$ 400.00
Barbacena	Cr\$ 214.00	Cr\$ 435.00
Santos Dumont	Cr\$ 258.00	Cr\$ 451.00
Juiz de Fora	Cr\$ 283.00	Cr\$ 491.00
Três Rios	Cr\$ 308.00	Cr\$ 526.00
Barra do Pirai	Cr\$ 341.00	Cr\$ 582.00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3388. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento

dos serviços presta ao público em geral, especialmente aos viajantes e lavouros, que acaba de criar trens rápidos e confortáveis entre Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e Belo Horizonte, para atender seus inúmeros clientes que desejam viajar com rapidez e segurança.



Schmidt tem sido um injustiçado completo. Até o seu dinamismo (muito maior do que o do doutor Moses) tem sido poucas vezes exaltado. Schmidt costuma atender o telefone e continua (do lado de cá) a conversar tranquilamente.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

Aviso aos filhos pródigos

*É possível que o Pai
Tenha partido também,
Quando voltares...*

*Que cansado de esperar e
achando a casa vazia
e monótona,*

E longo demais o abandono,

O velho Pai resolva

Seguir o teu exemplo

Oh! Filho inquieto,

E quando retomares o caminho da pátria

*Talvez encontres as luzes apagadas
na mansão*

E o anjo da Ausência

Adormecido na porta por onde saíste

Para a longa viagem.

É possível que ao voltares

Encontres tudo deserto;

Apagado o lume que te aquecia nas noites de inverno,

Deserta a mesa onde se reuniam

Os familiares e os servos para as refeições.

Talvez o Velho Pai seja envolvido

Pelo mesmo desejo de fuga que te endoideceu

E que ao voltares, encontres à tua espera,

A Orfandade com o seu sorriso longínquo e triste.

Deves voltar, mas vem com o teu espírito prevenido.

É possível que o velho Pai abandonado

Tenha partido também

Numa longa viagem.

© breve pássaro

De repente, meu amor, enquanto

[os sinos tocavam,

Vi a asa de um pássaro

Cortando o céu matinal.

Era um pássaro leve

Que parecia se embalar

[no impulso

Das suas próprias asas.

Tremia no céu. Não era

Um pássaro como os outros.

E, certo, só eu o vi na

Lúcida manhã de Veneza.

Vinha de longe, mas era

Tão cheio de harmonia

Que não parecia cansado.

O meu amor

É esse pássaro.

Veio de longe, mas parece

Que surgiu agora,

Ao sopro desta manhã cheia de graça.

CINEMA

INVASÃO DO BRASIL POR INGLÊSES (FILMES) E INGLÊSAS (ESTRÊLAS)

BELINDA LEE, MAUREEN SWANSON E DIANE CILENTO ENTRE NOSSAS PROVÁVEIS HÓSPEDES NO PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO RANK — ACABOU O RACIONAMENTO DE FILMES INGLÊSES.

(ELY AZEREDO)



Belinda Lee (90-55-90) diz que, apesar de sua fama como «pin-up», pretende ser «uma atriz, não uma decoração». Vamos examinar seu talento em «Man of the Moment», «The Feminine Touch» e «Who Done It?», mas suas qualidades decorativas são indiscutíveis, apesar da concorrência de Julia Arnall e Susan Beaumont.

PARA os apreciadores do cinema inglês, dezembro de 1956 trouxe um acontecimento auspicioso: início do lançamento direto dos filmes da Organização Rank, a maior potência do cinema inglês. Durante os últimos anos, se excetuarmos a atividade esporádica da London Films, só vimos filmes britânicos através de distribuidoras americanas. Nada melhor para demonstrar a veracidade do dito popular «Quem quer faz, quem não quer manda».

No Rio, para estar em dia com o cinema de Londres, o espectador de bom gosto tinha de procurar cinemas longínquos ou infames. Para citar alguns exemplos: vimos «Alegria a Granel» (Whisky Galore!), de Mackendrick, no Eldorado, velho cinema da Avenida Rio Branco que, a força de maus tratos, suicidou-se com um incêndio; só localizamos «Um País de Aneidota» (Passaport to Pimlico), de Henry Cornelius, num cinema da Praça da Bandeira; num antro suspeito de Niterói surpreendemos «Frieda» — magnífica criação de Mai Zetterling sob a direção de Basil Dearden — e «A Manada» (The Overlanders), o melhor filme australiano do inglês Harry Watt; e, quando o Rex era «o poeira da elite», assistimos escondidos, filmes como «Seu Próprio Verdugo», de Anthony Kimmins, «A Lâmpada Azul», de Dearden, «Verde Passional» (Green for Danger), de Launder & Gilliat. Outros filmes aqui chegaram mutilados, como o inesquecível «Na Solidão da Noite», supervisão e (em dois episódios, um dos quais eliminado) direção do brasileiro Cavalcanti; e «Contos de Hoffman», de Powell & Pressburger.

A INVASÃO DE RANK

A penetração da Organização Rank — cujos filmes são precedidos pelo «homem do gongo» — não se iniciou sem cauteloso estudo do

Cornel Lucas é o homem que fotografa as estrelas da Organização Rank para ornamentar as páginas da imprensa mundial, mas desta vez está exercendo seus direitos: a loura é Belinda Lee, sua esposa, e o local é a «villa» do Aga Khan, em Cannes. Belinda é uma das estrelas programadas para visita ao Brasil.



nosso mercado, parte de um grande plano de **descoberta da América**. Durante cerca de um ano os especialistas prepararam a invasão que teve sua primeira fase no Rio, em dezembro. O segundo objetivo será São Paulo, em março. Depois os demais Estados.

A reação crítica e popular, no Rio, servirá ao planejamento da **Operação São Paulo**. Diga-se, de passagem, que o melhor cartão de visita de Rank, na opinião da crítica, foi «A Bela e o Gato» (Touch and Go), admirável comédia de Jack Hawkins e Margaret Johnston. E «Simba», melodrama africano ensanguentado pelos terroristas Mau Mau, marcou o melhor resultado de bilheteria.

PLANOS REVOLUCIONARIOS

Se realizados por inteiro, os planos **rankianos** revolucionarão o panorama da distribuição no Brasil. Incluem:

(1) Importação de artistas e diretores para prestígio dos principais lançamentos. Este ano, para a estréia de «A Batalha do Rio da Prata» (história da perseguição e afundamento da belonave alemã **Graf Spee**), vamos hospedar um grupo de convidados que, se não interferirem os compromissos profissionais, incluirá as estrelas Diane Cilento, Belinda Lee e Maureen Swanson.

(2) Tradução correta dos títulos sempre que possível, ou novo batismo fiel ao espírito do original. Infelizmente essa política não foi adotada desde as primeiras importações. Assim, veremos «The Ship that Died of Shame» (O Navio que Morreu de Vergonha), cujo título já valia o preço do ingresso, como «A Morte de um Herói»... Já estando prontas as cópias deste e de outros filmes, a «lei de fidelidade» não terá efeito retroativo, mas será aplicada às novas importações.

(3) A crítica verá todos os filmes antes do lançamento, em sessões especiais à semelhança do que fazem as companhias nos Estados Unidos.

(4) Consideração para com o público, através da imprensa, com divulgação correta e regular de informações. O espectador não pode avaliar as dificuldades que a imprensa encontra em muitas companhias para saber se o filme «X» vai estreiar ou se são verdadeiras as informações sobre o filme «Y». O descaso pelo público é espantoso.

(5) Renovação nas normas de publicidade: rompimento da monotonia nos anúncios e da avareza como norma de trabalho.

NOVE COMÉDIAS

Incluindo os seis já lançados no Rio, o repertório inicial da Rank brasileira é de 21 filmes, dos quais nove em «Vista-Vision» & Côres, e 12 em proporções normais (a metade em côres). A comédia, gênero em que os ingleses estão mais à vontade, abrange nove títulos:

★ «Quinteto da Morte» (The Ladykillers), história de uma velhinha ingênua (Katie Johnson) que derrotou cinco criminosos que pretendiam matá-la, merece abrir a lista. Com Alec Guinness, Herbert Lom, Cecil Parker.

★ «A Bela e o Gato» (Touch and Go), deliciosa comédia doméstica, com Jack Hawkins e Margaret Johnston.

★ «Oh, Doutor!», com Dirk Bogarde, Brigitte Bardot, Brenda de Banzie e James Robertson Justice. Segunda-feira, 28, no Rio.

★ «Simão e Laura», com Peter Finch e Kay Kendall.

★ «Esbanjador Econômico» (Value for your money), com John Gregson, Diana Dors, Susan Stephen e Derek Farr.

★ «O Jacaré Intrómetido» (An Alligator Named Daisy), com Donald Sinden, Diana Dors, Jean Carson e James Robertson Justice.

★ «A Loteria do Amor», com David Niven, Peggy Cumins, Anne Vernon e Herbert Lom.

★ «To Paris With Love» (ainda sem título brasileiro), com Alec Guinness e Odile Versois.

★ «Um Ianque na Escócia» (The Maggie), com Paul Douglas.

COMPLETANDO O «MENU»

Os filmes sérios:

★ «Mabrouka», aventura africana, com Anthony Steel, Donald Sinden e Anna Maria Sandri.

★ «A Batalha do Rio da Prata», com John Gregson, Anthony Quayle e Peter Finch.

★ «Dedicação sem Eco» (A Woman for Joe), drama de circo, com Diane Cilento e George Baker.

★ «Simba», com Dirk Bogarde, Donald Sinden e Virginia McKenna.

★ «S.O.S. Scotland Yard» (Lost), policial, com David Farrar, David Knight e Julia Arnall.

★ «Mulheres Fugitivas» (A Town Like Alice), drama na Malaia, durante a última guerra, com Virginia McKenna e Peter Finch.

★ «Trinta Homens e uma Mulher» (Passage Home), drama transatlântico, com Anthony Steel, Peter Finch e Diane Cilento.

★ «Teia de Sabotagem» (High Treason), com Liam Redmond e André Morel.

★ «Sob as Ondas» (Above us the Waves), drama de guerra, com John Mills, John Gregson e Donald Sinden.

★ «A Morte de um Herói» (The Ship that Died of Shame), drama, com Richard Attenborough, George Baker, Bill Owen e Virginia McKenna.

★ «A Casa dos Segredos», policial, com Michael Craig, Julia Arnall, Brenda de Banzie e Barbara Bates.

★ «O Jardineiro Espanhol», adaptação de um romance de Cronin, com Dirk Bogarde, Michael Horden, Josephine Griffin e Maureen Swanson.



Virginia McKenna, loura de olhos azuis e 25 anos, não figura entre «pin-ups» como Diana Dors, mas tem sensibilidade e um encanto muito pessoal. Passou do palco à tela com «The Second Mrs. Tackeray». Seu primeiro filme lançado no Brasil foi «Mar Cruel». É a estrela em três produções do novo repertório Rank: «Mulheres Fugitivas», «Simba» e «A Morte de um Herói».

★ ★ ★

Maureen Swanson não é mais aquela menina que apareceu ligeiramente em «Moulin Rouge». Seu papel secundário em «Mulheres Fugitivas» elevou-a ao estrelato em «Jacqueline» e «O Jardineiro Espanhol». Se a Rank cumprir a promessa, poderemos apreciar pessoalmente esta combinação de olhos ver-



des com cabelos castanhos. Maureen, nascida em 1932, chegou ao cinema via «ballet».



Diane Cilento, outra arma de Rank para a conquista do público, é a estrela de «Trinta Homens e uma Mulher», drama romântico sobre o bordo de um navio mercante, entre a América do Sul e a Inglaterra. Ela oscila entre o segundo imediato (Anthony Steel, na tela) e o capitão (Peter Finch) encarregado de repatriá-la pelo consulado britânico.

MESA REDONDA

DO

“DIÁRIO DE NOTÍCIAS”

OS PROBLEMAS QUE AFLIGEM A CIDADE



No estúdio do antigo Cassino Atlântico o «Diário de Notícias» realizou, na noite de 28 de dezembro, p. passado, a última mesa-redonda da cidade, objetivando a solução dos problemas que afligem a população carioca.

Numeroso público compareceu à reunião, de que participaram, especialmente convidados, os deputados Carlos Lacerda e Chagas Freitas, os vereadores Gladstone Chaves de Melo, Cotrim Neto e Raul Brunini, os engenheiros Edgard Sotelo, secretário de Viação e Obras; Edgard Pereira Braga, diretor do Departamento de Águas; José Oliveira Reis, diretor de Urbanismo, e Sílvio Leão Teixeira, diretor do Departamento de Obras. Os debates foram anunciados pelo radialista Manuel Jorge e iniciados pelo nosso colega Luciano dos Anjos, que esclareceu a respeito do trabalho que aquele matutino está realizando sobre os problemas da cidade.

O primeiro assunto focalizado foi o da água, que mais aflige a população da zona sul, discorrendo a respeito o vereador Cotrim Neto, que fez certos reparos à atuação do Departamento de Águas, cujo diretor, sr. Pereira Braga, reagiu em defesa da administração. Anunciou, ainda, o sr. Braga, a solução do problema da zona sul em fins de 1957.

Na gravura um aspecto da mesa-redonda.

FALANDO AO LEITOR

Chovem as cartas perguntando quem é Mauro Braga. Todos querem saber de onde surgiu, o que fez, e o que pretende. A resposta é fácil. Mauro Braga é mais que um repórter, ou um simples redator. É um observador profundo, sabendo escrever com graça e com simplicidade, e que tem a excelente qualidade de saber resumir. Quase diríamos que é um pintor, se dedicando no momento ao gênero retrato. Mas retratos instantâneos, impressionistas, composição feita com material recolhido em rápidos encontros pessoais e em incidentes diretamente (e discretamente) observados. Apenas em 3 séries desses retratos publicadas, Mauro Braga já é uma grande preocupação e leitura assídua para muita gente. Como detalhe final, acrescente-se que Mauro Braga pretende retratar semanalmente (ou quinzenalmente) homens e mulheres que de qualquer maneira tenham obtido projeção nos diversos setores da vida brasileira.

As eleições estaduais, sr. Rômulo Geraldo, serão realizadas no dia 3 de outubro de 1958. Nesse dia será renovado também um terço do Senado e toda a Câmara dos Deputados. Mas as combinações e as articulações estão no auge, e muito candidato já foi lançado. Estamos preparando uma série de reportagens (uma para cada Estado), onde a situação política e a posição de todos os candidatos serão minuciosamente estudadas. Aguarde.

Não acontecerá nada ao Flamengo, sr. Gilson Dias Lopes. A temporada do Hcnved será um sucesso, e nem a Fifa, nem as Entidades nacionais terão coragem (ou força moral) para aplicar sanções ao tricampeão carioca. O sr. verá.

Recebemos esta semana, mais uma centena de cartas elogiando a seleção que fizemos sobre as 10 mulheres mais bonitas do Brasil. Todos concordam que a lista saiu magnífica e que as mulheres escolhidas eram realmente lindas. Gratos.

Neste número publicamos uma excelente reportagem sobre Tônia Carrero, vencedora em S. Paulo do prêmio de melhor atriz do ano. Vejam com atenção. Foi escrita por um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro.

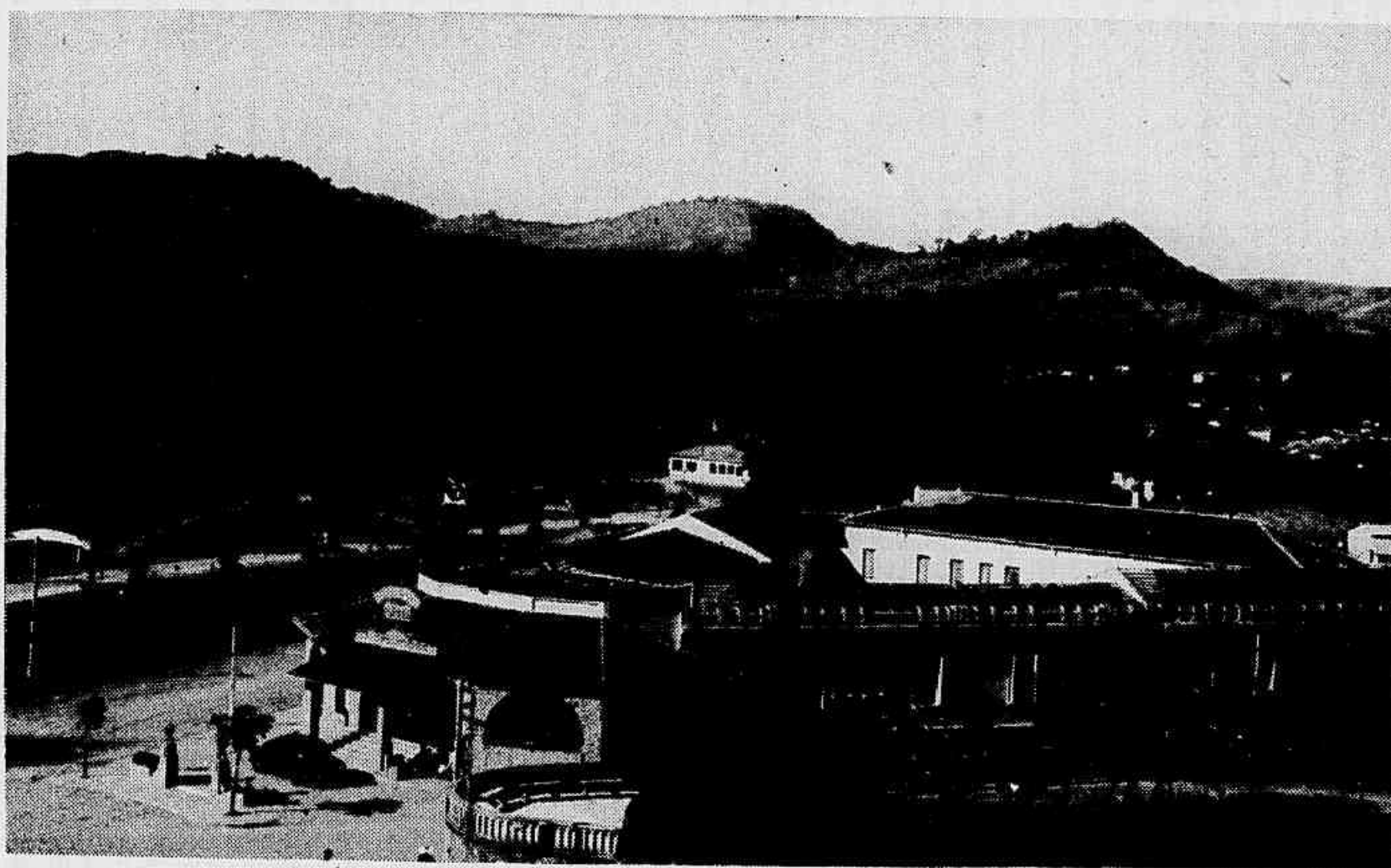
Vacinem seus filhos com a vacina Salk. Procurem os postos da Prefeitura com urgência. Há sempre um médico à sua disposição. Principalmente se seu filho está entre 2 anos e meio e 5.

O sr. Marcus Rodrigues escreve para falar sobre a seleção dos 10 homens mais elegantes que apresentamos no número passado. «Gostei muito (e achei ótimas as explicações sobre cada um) mas não posso concordar com a inclusão do sr. Assis Chateaubriand. Definitivamente, ele não é um elegante». É um erro seu, sr. Rodrigues. O Diretor dos Diários Associados é um homem elegantíssimo. Sabíamos que a sua inclusão provocaria surpresa. Mas estamos absolutamente convencidos da justiça da escolha. Gratos pelas referências elogiosas à revista.

Não temos elementos para penetrar neste assunto, dr. Doria. Bem que gostaríamos, já que apaixonaria o país. Mas se o sr. tiver elementos elucidativos, estamos à sua disposição. Gratos.

A foto que ilustrou (no nº passado) «Páginas do Galo Branco», foi cedida gentilmente por João Condé, dos Arquivos Implacáveis.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

Diante da Rainha da Inglaterra

A REVERÊNCIA DE MADELEINE



Diante da Rainha Elizabeth da Inglaterra,
«Amélia» faz uma graciosa reverência.

E RENAUD

A rainha Elizabeth assistiu, no «Palace Theater», de Londres, à famosa peça de Feydeau, «Ocupa-te de Amélia» («Occupe-toi d'Amélie»), que a Companhia Madeleine Renaud-Jean Louis Barrault encenou em sua homenagem. A rainha não ignorava o que o seu avô (George V) havia dito: «Foi a peça mais acre que já vi na minha vida». E não desconhecia o fato também de que o seu bisavô (Eduardo VII) inspirou ao autor um dos personagens de «Ocupa-te de Amélia»: o galante «príncipe em visita».



No camarote real, a soberana da Inglaterra palestra amistosamente com o marechal Juin.



Na saída do teatro, a rainha felicita os intérpretes Jean Louis Barrault e Madeleine Renaud.



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50 — Por Vale Postal Cr\$ 113,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo,
Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa,
Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo

SEM COMPROMISSO



Nos países de língua inglesa sem-
pre foi costume, o mesmo ator que
fazia Otelo fazer também Yago.
Ficou famosa a representação dos
irmãos Booth (Edwin e John) e de
Ernesto Rossi e Tomaso Salvini, na
Itália. Eles se revezaram e o públi-
co vibrava com essa alternância nos
dois papéis. Agora, Vitorio Gass-
man acaba de repetir a proeza, in-
terpretando ao mesmo tempo Otelo
e Yago para o público italiano.
Quem contracenou com Gassman,
foi o esplêndido ator italiano Salvo
Randonni.

Alida Vali passou dois anos afastada do cinema. Agora voltou a ati-
vidade e vai «rodar» um filme no Vale do Pó, sob a direção de
Vitorio de Sica.

Françoise Sagan concluiu entendimentos com Otto Preminger, para a
adaptação cinematográfica de seu romance, «Bonjour Tristesse». Pre-
minger parece que convenceu Françoise a reduzir o número de per-
sonagens na adaptação cinematográfica.



A Rainha da Grécia
assistiu ao espetáculo
inaugural do festival
de cinema italiano em
Atenas. Todos os ar-
tistas foram apresen-
tados à Rainha, como
se vê na foto.

Salvador Dali fez uma conferência ilustrada sobre Cervantes, em
Montmartre. O famoso excêntrico compareceu acompanhado de dois
palhaços, fantasiados de D. Quixote e de Sancho Pança. No final da
conferência, Salvador Dali foi vaiado.

Bing Crosby, no momento, está inteiramente dedicado à sua nova in-
dústria de discos, bastante econômica. O famoso cantor estuda a
possibilidade de montar uma fábrica (filial), na Itália.

Churchill esteve no Palácio de Buckingham, no dia da renúncia de
Eden. Foi consultado sobre o novo primeiro ministro, e achou ótima
a escolha de MacMillan.

FIM DE ANO NO JOCKEY CLUB

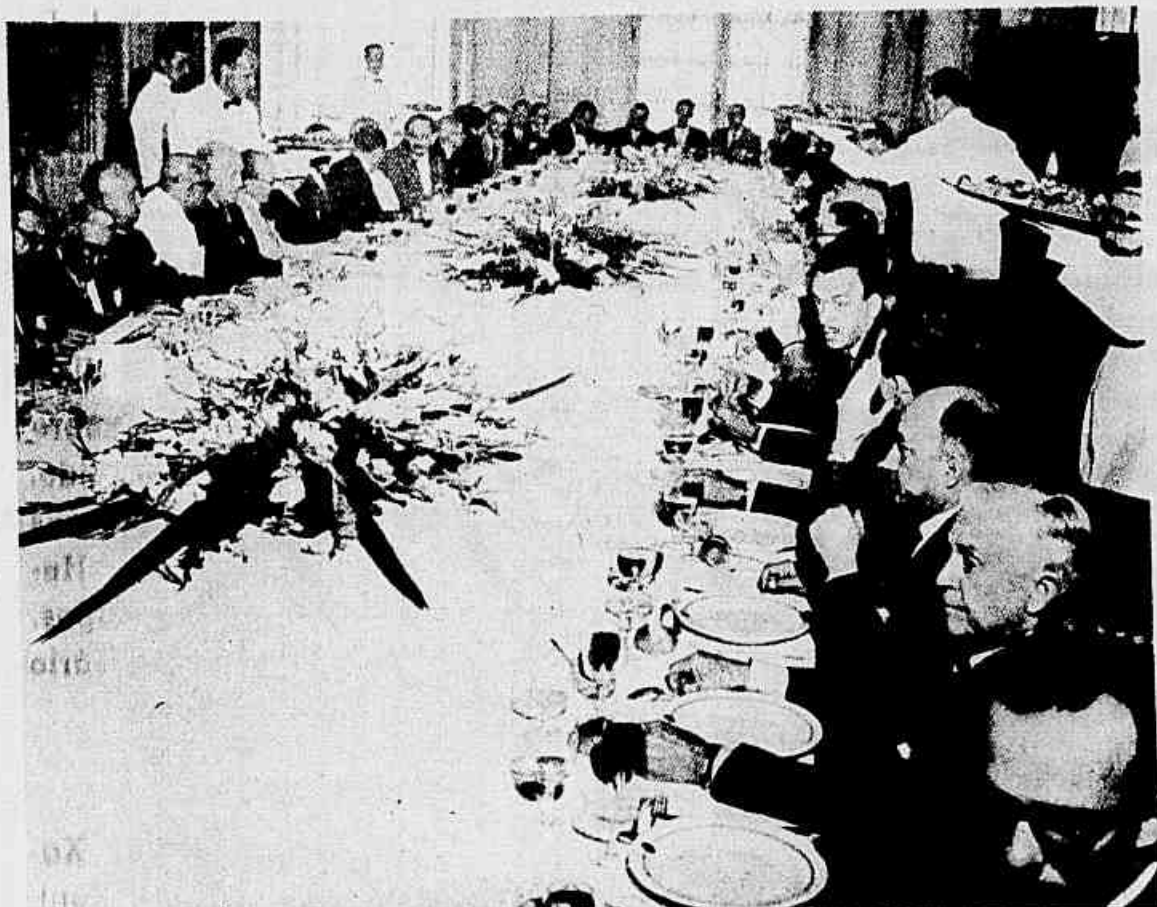
A.M.



O ministro Armando Trompowsky, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, o ministro Luiz Gallotti, diretores do Jockey Club Brasileiro, e o dr. Célio de Barros, presidente da Associação de Cronistas Desportivos, num flagrante durante o almoço de bons augúrios.



O prof. Pinheiro Guimarães, 1º secretário do Jockey Club, agradece a homenagem dos cronistas de turf.



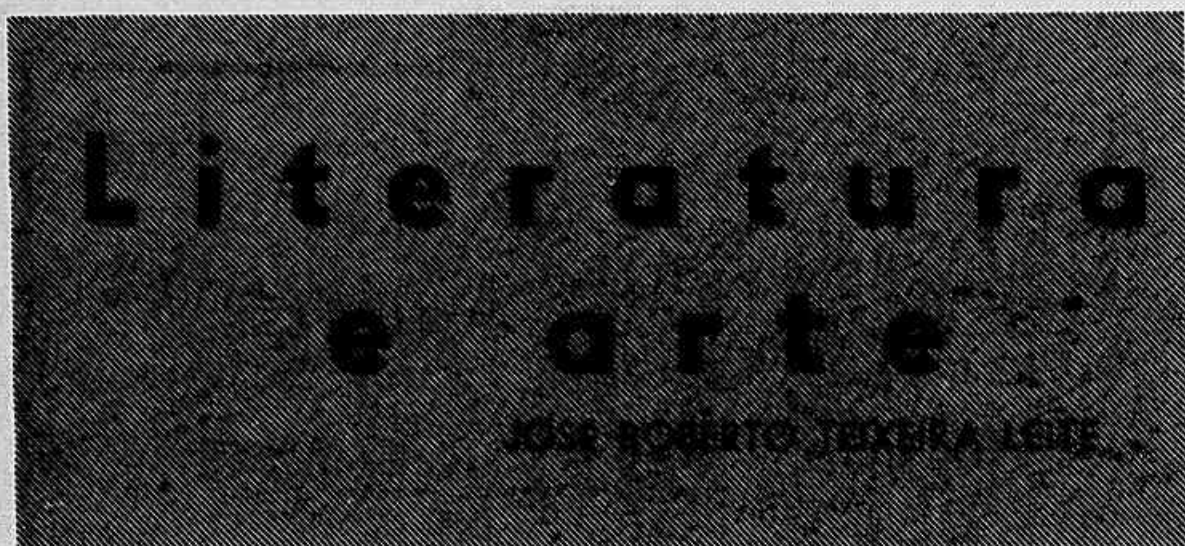
Aspecto parcial do almoço de bons augúrios oferecido pela crônica turfista à diretoria do Jockey Club Brasileiro.



Nosso confrade, dr. Gerson Cordeiro, presidente da Associação de Cronistas de Turf do Rio de Janeiro, oferecendo a homenagem da crônica carioca aos dirigentes do Jockey Club, tendo à direita os Drs. Álvaro Carijó e F. E. Paula Machado, e à esquerda, o prof. Pinheiro Guimarães e o sr. Alberto de Paiva Garcia, todos diretores da sociedade turfista.

★

Inegavelmente o Jockey Club Brasileiro teve um fim de ano pleno de acontecimentos que falaram bem alto ao coração de todos os que fazem parte da grande família turfista, e que culminaram com o grande almoço de confraternização oferecido à sua diretoria pela crônica turfista da metrópole. A bela festa de encerramento do ano letivo na magnífica Escola Jockey Club Brasileiro, deu início às festividades natalinas na aristocrática sociedade carreirista. Aí os alunos concludentes receberam seus diplomas e os prêmios a que fizeram jus pela sua conduta escolar, seguindo-se uma parte recreativa das mais movimentadas e atraentes. Na Vila Hípica, às vésperas do Natal, houve farta distribuição de brinquedos e utilidades às crianças filhas dos empregados do Hipódromo Brasileiro. Os empregados das seções de concursos e bettings testemunharam, em uma festa íntima, o seu aprêço e estima à diretoria do Jockey Club. Como acontece anualmente, seus empregados efetivos e diaristas tiveram seus ordenados e diárias pagos em dobro, pelo Natal. E todas essas atividades próprias da época foram coroadas com o almoço de bons augúrios oferecido pela crônica turfista à diretoria da sociedade, realizado no dia 28 de dezembro no Salão de Banquetes da sede social da Avenida Rio Branco, com a participação dos presidentes das duas associações de classe dos jornalistas especializados e outras figuras destacadas da imprensa carioca, numa demonstração inequívoca da harmonia reinante entre os dirigentes do turf local e os homens encarregados de orientar e informar a opinião pública. Uma cordialíssima festa de conagração, que teve a enaltecer-lhe os méritos a palavra do confrade Gerson Cordeiro, em nome dos ofertantes, e do prof. Pinheiro Guimarães, em nome dos homenageados. Foi, assim, pleno de passagens grandiosas e enternecedoras o fim de ano no Jockey Club Brasileiro, fim de um ano de esplêndidos sucessos esportivos e sociais, prodromo de um novo período de êxitos e de vitórias que se avizinha.



LETRAS NO ESTRANGEIRO

MAIS UM livro de poemas acaba de aparecer, nos Estados Unidos, de autoria de Robert Fitzgerald: «In the Rose of Time», que abrange longa série de peças, algumas datadas de 25 anos atrás. Sobre Fitzgerald, assim escreveu o «book-reviewer» de «Time»: «Essencialmente, Fitzgerald é um poeta descritivo: o que sente, não transmite facilmente; porém o que vê e o que experimenta, expressa com beleza».

«LES LETTRES françaises», semanário parisiense dirigido pelo poeta Aragon, dedicou em seu último número de novembro várias de suas páginas à memória de Paul Eluard, que faleceu em 18 de novembro de 1952. Artigos de Tristan Tzara, Alice Ahreiller e Jean Marcenac, um poema de Aragon e um desenho do poeta, executado em 1942 por Cocteau, compõem a homenagem. Convém lembrar que Manuel Bandeira, companheiro de Eluard no sanatório de Clavadel, na Suíça, respondendo ao colunista que lhe pedia detalhes sobre a juventude do poeta da «Liberté», afirmou sêcamente: «Gostaria de esquecer Paul Eluard».

NA CONHECIDA «Bibliothèque de la Pléiade», acaba de ser publicada a obra poética completa de Guillaume Apollinaire, desde «Le Bestiaire», até «Poèmes Inédits». «Le Bestiaire» está ornado com as ilustrações executadas por Duty — não faz muito desaparecido — para a primeira edição.

SOMERSET MAUGHAM, efetuando pelas páginas do «Sunday Times» de Londres o balanço literário de 1956, afirmou que os três melhores livros do ano tinham sido «Lucky Jim», de Kingsley Amis, «Bergère Légère», de Félicien Marceau, e... as «Cartas», de Plínio o Jovem.

NOTAVEL PROSADOR haitiano é Jacques-Stéphane Alexis, autor de «Compère General Soleil». Esse romance, aliás, agora mesmo está sendo vertido para o alemão, o espanhol, o húngaro e o polonês.



Jean Cocteau



Robert Fitzgerald

UM LIVRO

UMA BELA EDIÇÃO

NÃO CONSTITUI novidade nenhuma dizer que o livro brasileiro somente agora vem se libertando do mau gosto que por tantos anos — desde a fundação da Imprensa Régia, entre nós, por João VI — norteou nossos editores. Até bem pouco, quando tínhamos de comparar às belíssimas edições francesas, americanas, alemãs, holandesas ou inglesas nossas chifrins edições locais, era com mal disfarçado acanhamento que o fazíamos. Os brasileiros não sabiam trabalhar em livros? Haveria alguma invencível incompatibilidade entre a indústria livreira e o obreiro nacional? Claro que não. Apenas, ainda não atingíamos — como ainda não atingimos — aquele estágio de civilização que permite aos europeus, principalmente, tudo fazer de maneira inexecedível de bom gosto e perfeição.

Vejam-se os livros portugueses. Que encadernações, que minúcia no acabamento dos exemplares, que escrúpulo na escolha dos tipos! E como trabalham bem nos clichês em côr, nossos caros irmãos! Em relação às artes gráficas, parece que Portugal está ainda bastante à nossa frente.

Porém, é inegável que grandes progressos temos feito, nas atividades editoriais. E se muito ainda falta percorrer, não resta, felizmente, dúvida alguma de que já muito foi feito, em prol da edição bela e cuidadosa, no Brasil. E é graças ao trabalho e à dedicação de alguns editores, que já hoje em dia o Brasil deixou de ser, no domínio das edições, aquela fonte de volumes pavorosos, que tiravam aos já escassos leitores toda vontade de ler seu conteúdo, o paraíso das más encadernações, de que falou Agripino Grieco em seu divertido «Zeros à Esquerda». Não: o ambiente modificou-se, o livro tem de ter, também entre nós, além do atrativo do conteúdo, a solicitação estética da capa, da lombada, das ilustrações, dos tipos.

Tôdas essas considerações nos vêm à mente ao folhearmos, enlevados, a belíssima edição de «Moby Dick», de Hermann Melville, que a Livraria José Olympio Editora acaba de publicar (1). São dois grossos volumes de 450 páginas cada, em ótimo papel, com tipos de leitura fácil e atraente, e — o que é mais importante — ilustrados com nada menos de 280 desenhos, quatorze de autoria do jovem artista Poty Lazzaroto, e 266 de Rockwell Kent, o ilustrador norte-americano que desenhou a edição da «Modern Library» de que foi traduzida — por Berenice Xavier — a presente, brasileira.

Sobre a tradução de Berenice Xavier, diremos que é perfeita: tivemos o trabalho de cotejar o texto original — na edição da «Encyclopaedia Britannica» — de alguns capítulos, com o texto vertido para o português, e nos admiramos da fidelidade e correspondência entre ambos; sobre as ilustrações, afirmamos que as de Poty são melhores que as de Kent — e não vai nisso nenhuma proteção ao artista paranaense, que em 1956 foi, sem sombra de dúvida, a grande revelação de ilustrador nacional, tendo feito capas de grande beleza para obras como «Grande Sertão: Veredas», de Guimarães Rosa, «As Três Marias», de Rachel de Queiroz, «Vila dos Confins», de Mário Palmério, etc., etc.; sobre a paginação e a composição, apenas acrescentaremos que nada deixam a desejar; sobre a capa, enfim, de autoria de Danilo, há que externar nossa admiração. Um prefácio de Rachel de Queiroz, uma «Nota sobre o Autor» e algumas opiniões da crítica sobre o romance completam essa edição, sem nenhum favor uma das mais belas já aparecidas entre nós.

Quanto ao texto de Melville, propriamente dito, seria inútil dizer fôsse o que fôsse — embora acreditemos que nem tudo tenha sido dito sobre «Moby Dick», que, a nosso ver, tem, entre outros méritos, o de ter sido, consciente ou inconscientemente, o inspirador de uma das maiores obras de ficção da atualidade — esse «The Old Man and the Sea», de Hemingway: Melville é um dos maiores romancistas de todos os tempos, sabe-se hoje, e o modesto colunista sente-se sem o fôlego necessário para traçar umas poucas e rudes linhas acerca de sua obra-prima.

(1) — «Moby Dick», de Hermann Melville. Tradução de Berenice Xavier, Prefácio de Rachel de Queiroz. Ilustrações de Poty e Rockwell Kent. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1957. 2 volumes, 895 páginas.

NOTAS E INFORMAÇÕES

SUBSTITUINDO o escritor Josué Montello — que irá ministrar em Lisboa um curso de Literatura Brasileira —, romancista mineiro Cyro dos Anjos foi designado para a Subchefia da Casa Civil da Presidência da República.

MURILO MENDES, que não faz muito tempo regressou da Bélgica, após a conclusão de seu Curso de Estudos Brasileiros ali levado a efeito, partiu para a Itália, onde desincumbir-se-á de missão idêntica. Por isso, o grande poeta de «O Visionário» não estará presente quando do lançamento, êsse ano, pela José Olympio, de suas Poesias Completas.

DARCI DAMASCENO, jovem poeta e ensaísta, levou vários anos esmiuçando fichários de bibliotecas e arquivos, à cata de peças e dados que lhe possibilitassem fazer um levantamento completo das atividades de Martins Pena. Nada menos de vinte e seis peças conseguiu assim reunir. O Instituto Nacional do Livro, há pouco, editou tôdas elas, em dois grossos volumes.

CRIADA pelo ministro da Educação, em recente decreto, a Ordem Nacional do Mérito Educativo.

BASTANTE MELHOR que o primeiro, o segundo número de «O Semanário — Letras e Artes». Entre outros artigos, é publicada uma crítica (desfavorável) de Almeida Fischer sobre «Memória de Inverno», do próprio diretor do suplemento, Saldanha Coelho.

QUASE CONCLUÍDA a tradução de «Macbeth», por Manuel Bandeira.

POESIA

Poema

*Nada invento além da minha face
e na planície das mãos
retenho
estranhos instrumentos de silêncio:
bôcas verdes de lua
recitando
palavras esquecidas.*

*No ombro trago a rosa
esdrúxula
das decompostas
e aflitos mastros
nos olhos.*

NONNATO MACHADO

ARTES

NOTAS

HA DIAS, tendo ido levar um amigo ao Aeroporto Santos Dumont, e enquanto a ordem não era ouvida, o colunista teve a oportunidade de examinar mais de perto e com mais vagar os pavorosos murais executados (é bem o termo) por Cadmo Fausto para o moderno edifício. Caso de polícia: contra um céu desmaiado, algumas dezenas de aviões e dirigíveis, de todos os feitios e tamanhos, entrecruzam-se em várias direções, numa concepção pictórica verdadeiramente de parvo. Mais parvo, porém, foi quem encomendou a Cadmo os painéis em questão. Um passageiro de bom gosto, após ver as «obras-primas» do Santos Dumont, perderá até a vontade de viajar...

A IGREJA da Pampulha, votada ao abandono e ao esquecimento pela estupidez de um bispo ignorante, apresenta atualmente inúmeras fendas em sua estrutura, fendas por onde, em dias de chuva, a água escorre em razoável quantidade, ameaçando a «Via Sacra» de Portinari e o grande mural representando São Francisco. Agora, porém, segundo nos informam, a municipalidade belo-horizontina irá fazer reparos na formosa igreja, evitando que o tempo venha destruir obra tão importante. Já não era sem tempo.

LUCIE VALORE, viúva do grande pintor Maurice Utrillo, falecido em fins de 1955, após longa e fecunda vida, sacudi os meios artísticos parisienses, ao declarar que seu finado marido era filho não de um obscuro senhor Boissy, porém do grande pintor Pierre Puvis de Chavannes, nascido em Lyon em 1824 e falecido em Paris, em 1898. Puvis de Chavannes era grandemente admirado por Paul Gougin, cujo ponto de vista sobre a grandiosidade da pintura mural era praticamente idêntico ao do mestre lionês. Filho, pois, de Puvis de Chavannes e da pintora Suzanne Valadon, Utrillo tinha a quem sair um artista de talento.

«FALA-SE MUITO de colorido influenciado pela luz africana, das paisagens de Delacroix, seu mestre indiscutível. Pois é nessa gloriosa luz que intervém Manet com um elemento jovial e exótico, que talvez fôsse tão importante para os seus companheiros de insurreição artística como as tintas refulgentes de Delacroix inspirada pelas manhãs marroquinas. Esse fator diferente é o sol dos trópicos que, em 1850, viajando êle para o Brasil, lhe incendiou a imaginação».

Não se trata de algum pedaço do ensaio de Antônio Bento sobre «Manet no Brasil», nem de um trecho de algum erudito trabalho sobre a influência da luz no Impres-



sionismo francês, porém de um parágrafo do breve discurso pronunciado pelo senhor Juscelino Kubitschek no Palácio das Laranjeiras, quando da apresentação, aos apreciadores de Arte cariocas, de várias telas do Museu de Arte de São Paulo, de volta de longa viagem pelo exterior. O Presidente da República fez uma interessante apreciação sobre a tela de Renoir que lhe foi dado parafinizar, a «Baigneuse Assise» que aqui reproduzimos, não sem antes agradecer ao «crítico de arte» J. K. a grande alegria de poder encontrar, no árido Diário Oficial, ano XCVI, nº 6, página 477, duas compactas colunas destinadas a celebrar a glória de um velho artista francês.



Em lã de camelo, esta saia tem uma dupla prega na frente; a blusa é curta e o casaco comprido abotoado no peito. Ao lado, um vestido em «tweed», tendo como complemento o casaco.



À direita, uma saia de lã cor de camelo e blusa três quarto; o casaco é de tecido escocês. À esquerda, uma saia lisa com um casaco do tipo Príncipe de Gales.



Se um casaco não basta...

Se o seu «tailleur» não é suficiente para a estação (estas são modas para o inverno ou para meia estação), use-o com um casaco amplo, bonito, em tecido igual ou pelo menos harmônico. Verá que efeito extraordinário.

Sobre um vestido em «tweed» azul, com saia justa e blusa distinta com bolsos bastante originais, a casaca ampla, em três quarto, feita do mesmo tecido com uma elegante guarnição de pele de raposa ao redor do pescoço. Modelo de Adriana Cerri.



Uma saia justa em «shetland» marrom com uma casaca curta e frouxa sôbre uma blusa de tecido escocês. É uma criação de Myricae.



Este vestido de lã verde oliva em estilo clássico é completado pela casaca do mesmo tecido com dois grandes bolsos nos lados.



Este vestido em «shetland» vermelho combina muito bem com a casaca de cor bege claro, relativamente justa com dois originais bolsos nos lados. Trata-se de uma criação de Prata.

DA DIPLOMACIA AO CINEMA



Gloria Villar tem apenas vinte anos. Vive na Itália há seis anos por conta de uma bolsa de estudo concedida pelo governo do seu país, o Equador. Após o «incidente» que lhe arrebatou a carreira diplomática, a sua bolsa foi reduzida de 100 para 50 dólares mensais.

GLORIA VILLAR, DESTITUÍDA DO CARGO DE ADIDO CULTURAL DO EQUADOR EM ROMA POR CAUSA DAS SUAS ASPIRAÇÕES CINEMATOGRAFICAS, PREPARA-SE, AGORA, PARA SE TORNAR UMA ATRIZ DE VERDADE

A carreira diplomática de Gloria Villar durou apenas uma manhã. Um telegrama do seu pai, Diretor do Departamento de Prestações de Contas do Estado do Equador, comunicou-lhe que o Ministro das Relações Exteriores havia decidido destitui-la do cargo de Adido Cultural junto à Embaixada do Equador em Roma. O telegrama, redigido em termos alarmantes e peremptórios, dizia o seguinte: «Rogo-te que cesse imediatamente toda e qualquer atividade funcional a fim de não atrair sobre mim o ridículo e não prejudicar a minha reputação política e social.» Ao mesmo tempo, o Embaixador informava a Glória de que a quantia da bolsa de estudos que o governo lhe havia concedido anteriormente, seria reduzida de 100 para 50 dólares mensais. Assim, de um momento para outro, a mais jovem e graciosa diplomata residente na capital italiana, viu-se privada do seu cargo, vítima de sanções econômicas, e reprovada pelo próprio pai.

O ex-Adido Cultural declarou: «A culpa toda é de Glória. Primeiro, por ser demasiado graciosa; segundo, pelo fato de continuar querendo entrar para o cinema. Na realidade, desde algum tempo que jornalistas, artistas e produtores cinematográficos vêm insistindo para que Glória entre para o mundo da tela. Essas sugestões vão, agora, se concretizar, pois o lindo «brôto» equatoriano acaba de revelar que «está se preparando para se tornar uma autêntica atriz.»

A jovem e bela sul-americana no jardim de sua casa, em Ostia, que muito se assemelha às mansões rurais equatorianas.



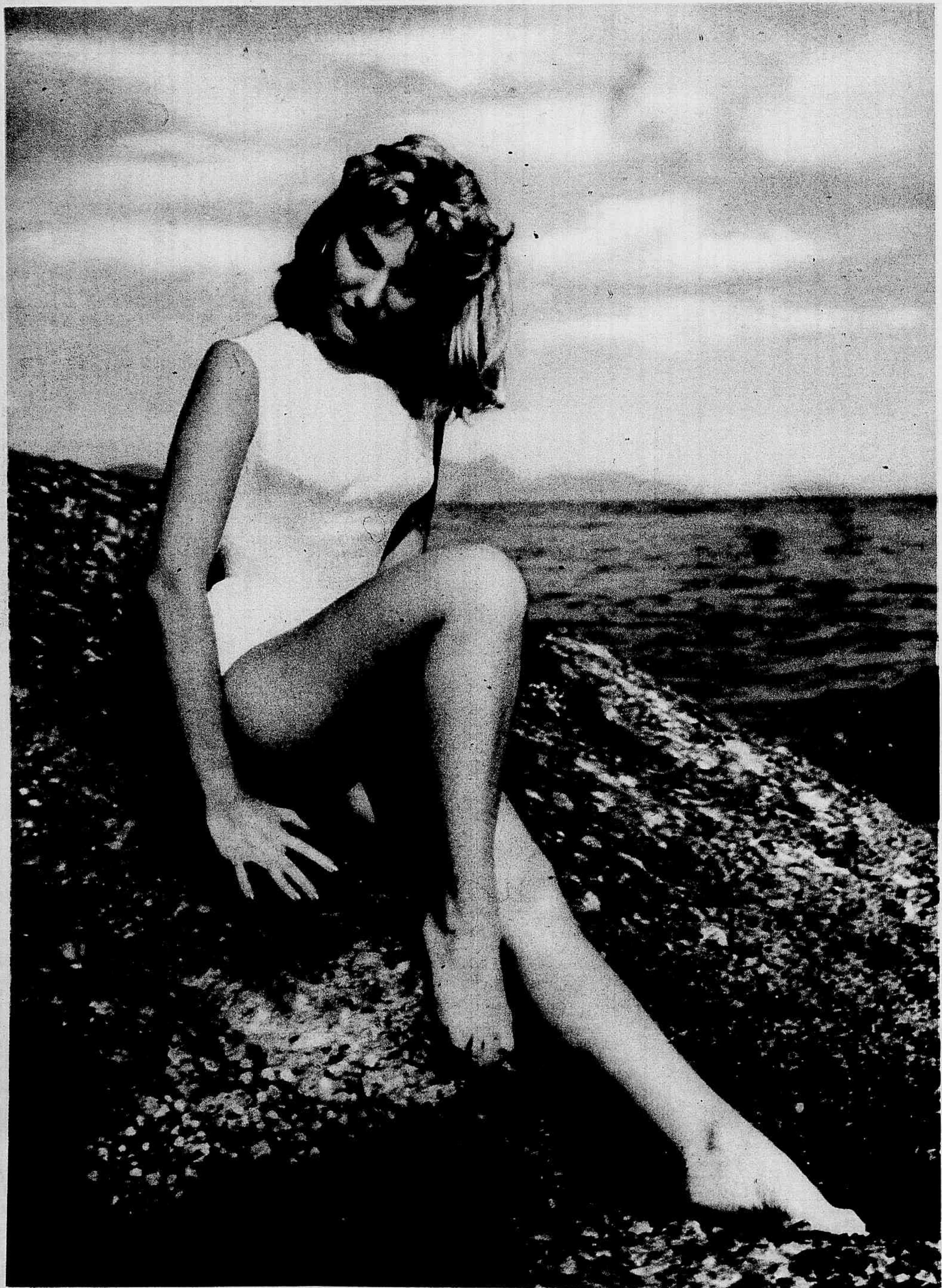


Durante a sua longa temporada na Itália, Gloria Villar frequentou, com muito sucesso, escolas de dança e de coreografia.

«Melodia Imortal», dirigido por Giacomo Gentilomo, é o filme em que Gloria apareceu pela primeira vez. Posteriormente, trabalhou em «A Volta de Dom Camilo» e em «Giuseppe Verdi», e foi a irmã de Alberto Sordi no filme «Lo Scapolo».

A ambição cinematográfica de Gloria Villar levou-a a recusar papéis insignificantes em vários filmes. «Agora, que por razões de orgulho não posso mais voltar para casa» — disse — «Quero fazer o meu nome a qualquer preço».







A "Revista da Semana" lança a idéia:

MARIA DE LOURDES MONTEIRO PARA MISS BRASIL DE 1957

ANTES do concurso para a escolha da Rainha dos Jogos da Primavera, ninguém havia escutado falar no seu nome. Era inteiramente desconhecida, a não ser para os moradores da Urca, (privilegiados), que a viam passar várias vezes por dia, indo e vindo do colégio, passeando, fazendo compras.

Depois, eleita rainha, foi a notoriedade rápida e inesperada, um sem número de entrevistas, fotografias a todo momento, propostas para visitar cidades, estados, países, entrar para o cinema, para o teatro, uma coisa doida.

Tem 17 anos incompletos e é dona de uma beleza realmente impressionante. Seu tipo foge inteiramente ao normal. Filha de portugueses, guarda alguns traços dos pais, mas é brasileira, no falar, no andar, no vestir, nos gestos e na voz. Alta, magra e esgalgada, grandes sobancelhas negras, pisando timidamente, mas já deixando entrever a grande mulher que será dentro de alguns anos.

Ainda colegial (apesar de rainha) seus planos continuam simples. Terminado o científico (recentemente), estudar desenho e pintura na Escola de Belas Artes. Pretende viajar muito, conhecer lugares e coisas diferentes, estudar línguas e costumes de outros povos.

REVISTA DA SEMANA lança agora a grande sugestão: Maria de Lourdes para Miss Brasil, deste 1957 que ora se inicia. O repórter que assina esta ligeira reportagem esteve nos EE. UU. fazendo a cobertura do último concurso de Miss Universo e dá o seu testemunho: Maria de Lourdes Monteiro seria um sucesso. É o tipo de beleza que agrada aos juízes americanos, e que eles têm escolhido nos últimos concursos.

Maria de Lourdes tem tudo para brilhar em Los Angeles: plástica, beleza, simpatia, inteligência e, finalmente, personalidade. Sua beleza, sendo do tipo preferido pelos juízes do concurso, é no entanto diferente e não se parece com nenhuma outra.

Aqui fica a idéia. Esperemos que neste 57 que se inicia, ela seja bem recebida, e Maria de Lourdes Monteiro, Rainha dos Jogos da Primavera, possa ser eleita Rainha da Beleza Mundial.

E o Brasil possa se livrar finalmente do complexo (e do já agora espantinho) do vice-campeonato.

NUNCA A BELEZA BRASILEIRA FOI TÃO BEM REPRESENTADA
★ UM TIPO QUE FOGE AO COMUM ★ CONVIDADA PARA VISITAR
DIVERSAS CIDADES DO BRASIL, ARGENTINA E URUGUAI ★ A
RAINHA DOS JOGOS DA PRIMAVERA CONTINUA A MESMA VIDA
DE ANTES ★ MAS SER MISS BRASIL (E REPRESENTAR A SUA
BELEZA NUM CONCURSO INTERNACIONAL) EIS UMA COISA
QUE LHE AGRADARIA

Reportagem de HÉLIO POLITO LOPES



SEM COMPROMISSO

Continuação

Ingrid Bergman declarou a amigos, que nos próximos dias será apresentado em sessão especial em Roma, o filme «Eliana e dois homens», que ela fez sob a direção de Jean Renoir.

Nasser ficou satisfeíssimo (e considerou vitória sua), a recente demissão de Anthony Eden.

Sofia Loreo, Alan Ladd e Clifton Webb, estão fazendo um filme na Grécia. O diretor é Jean Negulesco.

Ana Magnani premiada com o «Oscar» de 1955 do cinema americano, recebe (foto) prêmios também do cinema italiano. «La Magnani» é considerada uma das maiores atrizes do nosso tempo.



Esperam-se grandes modificações na Rússia, com a recuperação política (recentemente constatada) de Malenkov. Seus inimigos começam a tremer.

Na Hungria a Comissão Nacional de Futebol fez tudo para impedir que o seu famoso esquadrao jogue na América do Sul.

Elsa Martinelli, que atualmente está filmando com Pedro Armendariz e Trevor Howard, ficou noiva de um toureiro espanhol. O casamento é para já.



Helen Sedlak (foto) segurou suas pernas pela quantia de 40 milhões de liras (quase 5 mil contos na nossa moeda). Helen reside atualmente em Roma e é belíssima.



200

das 4,30

às 24,00 hrs.

cada 8 minutos

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 **MILHÕES** de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- **10 MILHÕES** de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



Os principais fatos da semana — Ainda os horrores do massacre russo na Hungria — As fugas continuam — Grace Kelly espera herdeiro (ou herdeiros?) para o próximo mês — Ava Gardner com Walter Chiari, seu novo amor — Barbara Lang, a última descoberta do cinema americano — John Kelly, herói da olimpíada é irmão de Grace Kelly — Lord Austen Butler, era tido como o sucessor de Eden, mas o escolhido foi outro — O belíssimo neto de Vitorio Emanuele — O novo embaixador norte-americano na Itália.

◀ Há dois meses da chegada do (ou dos) herdeiros, Grace Kelly continua cumprindo todos os compromissos sociais com seu real esposo. Na foto, Grace, cada dia mais bonita, desce as escadas do Teatro da Ópera de Mônaco. Grace divertiu-se a valer, e recebeu grandes homenagens de seus súditos que a adoram.

Marilyn Monroe assistiu no Teatro Royal de Londres, a um debate do qual participou seu marido. Os fotógrafos tiraram tantas fotografias de Marilyn, que o público (e ela mesma) se irritaram em determinado momento. Na fotografia, Marilyn fazendo careta para os fotógrafos.



◀ Ava Gardner risonha e feliz ao lado de seu novo amor, o famoso Walter Chiari. Ava voltou à Itália especialmente para se encontrar com ele, e dizem os seus íntimos que agora, transformada pelo milagre do mar, está surgindo uma nova e desconhecida Ava Gardner. Será?



Depois de 12 dias das mais diversas peripécias, essa jovem e sua filha de 3 anos, conseguiram fugir da Hungria e se internar na Austria. Durante 12 dias foram perseguidas pelos soviéticos, e em muitas vezes estiveram a pique de serem capturadas. Mas por milagre conseguiram escapar, e novamente respiram o ar da liberdade.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

Esta tórrida e provocante senhora, chama-se Barbara Lang, e como credencial, pode dizer que é a última revelação do cinema americano. Para qualquer esclarecimento consultem a foto ou escrevam para «Revista da Semana».



John D. Kelly foi um dos atletas que representaram os EE.UU. nos recentes jogos de Melbourne. Mas a popularidade de John não vem daí, e sim do fato de ser irmão da famosa e real Grace Kelly, Princesa de Mônaco e adjacências. John Kelly participou das regatas olímpicas.



Este elegantíssimo senhor (vestido pelo último figurino londrino), é Lord Austen R. Butler, tido e havido como o substituto de Eden como primeiro ministro da Inglaterra. Ele é Lord do Sêlo Privado, e sua popularidade na Inglaterra é muito grande. Mas apesar de tudo, consumada a renúncia de Eden, o escolhido não foi ele e sim Harold MacMillan, também com enorme prestígio junto ao povo e à coroa britânica.



Atenção meninas do chamado jovem society! Vejam que espécime de beleza internacional masculina! E peguem lápis e papel para tomar nota de seu nome, que é um pouco extenso: Vitorio Emanuele Alberto Carlo Teodoro Umberto Bonifácio Amedeo Damiano Bernardino Genaro Maria. Comprido, não? Ele nasceu em Nápoles, tem 21 anos, uma fortuna bastante razoável, dois automóveis, 3 ou 4 castelos, e seus documentos de identidade dizem que ele é Conde de Sarre. Bom partido, não acham?



A senhora Clara Booth Luce, renunciou (como era esperado) ao posto de Embaixatriz dos EE. UU. na Itália. E parece que o seu substituto será o cavalheiro da foto, que é o sr. James David Zellerbach, conhecido industrial da Califórnia. Sua posse está marcada para os primeiros dias de fevereiro, pois o governo da Itália já concordou com a indicação.

Seiva de

Alfazema

Lavanda Extra

Quando a sua presença é "mais notada" a comparação torna-se imperiosa. A mensagem sublime da Seiva de Alfazema será o fiel da balança...

39,90 88,00 175,00

Criações

Phebo

Epoca

PERFUMARIAS PHEBO



É fácil verificar...

...o tempo e o esforço que a eletricidade
lhe poupa e os serviços inestimáveis que
lhe presta... Compare a sua conta mensal
de eletricidade com as outras despesas do-
mésticas...



Você se convencerá de que
as tarifas de energia elétrica
são **REALMENTE** baixas.



A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



Ha quasi
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

**Calçado
SOUTO**



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasiada-
mente volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**B É L -
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinhei-
ro Ltda. — Queiram enviar-me por
Reembolso Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos os votos de boas festas que recebemos dos nossos amigos:

Dr. Dirceu Penteado, Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, José Maria Neves, Televisão Tupi, Luís Romão, Lupográfica, Ltda., Proquímica, Clube de Regatas Vasco da Gama, dr. Servílio Tavares, dr. João Soares da Silveira, Fotogravura Cangeri, Otávio Sagelius, sr. e sra. Eduardo Beral Sardinha, Julieta Ribeiro, Escritório Comercial do Brasil no Paraguai, Irmãos Tonhoque Ltda., Cia. Importadora Sueca Ltda., ministro Cunha Melo, João de Vasconcelos Corrêa Filho, Importadora Bedrich Adler, Clube Monte Líbano, Orinaldo Carrena, adido cultural da Embaixada Argentina, Banco Português do Brasil, Adolfo Almeida Aguiar, diretor do Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura,

Santos Hotéis S.A., Clube Municipal, Mccann-Erickson Publicidade S.A., Minnesota Mercantil S.A., Letícia de Figueiredo, Eduardo Tapajós, Schneyder & Cia., Linotipo do Brasil S.A., Distribuidora de Lubrificantes S.A., S. Cristóvão F.C., «Fôlha da Manhã», «Fôlha da Tarde», «Fôlha da Noite», Grant Advertsing Publicidade S.A., Cebrury Publicidade, Prado Importadora S.A., Artes Gráficas Gomes de Souza, Ana Khoury, Rotary Clube de Botafogo, Importadora Mil, Cia T. Janer, Clube dos Escoteiros do Brasil, Banco Aliança do Rio de Janeiro, Banco Holandês Unido, Lóide Aéreo, Poligráfica Lambert, Distribuidora de Jornais e Revistas, Gisela e Carlos Machado, J. Arthur Rank, Metro Goldwin Mayer, César de Alencar, Esso Standar do Brasil, United Press, Sociedade Teatro de Arte, Venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

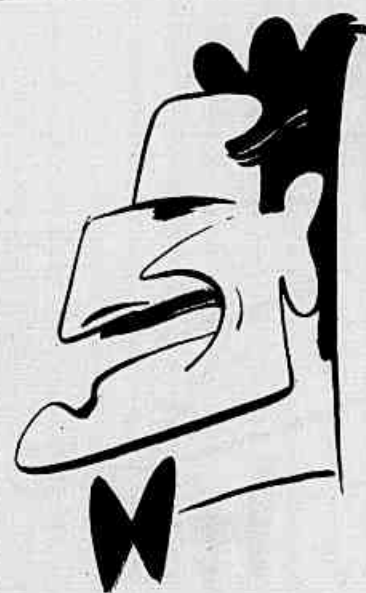


A MOÇA DA SEMANA

Cansada de ser relegada a plano inferior no teatro da madrugada, a bailarina Glória Ladany meteu-se na pele de uma «serpente» e foi para o palco do Serrador, onde — como qualquer bocó pode depreender da foto — a sua «tentação» é de provocar distúrbios neuro-psíquicos...

PELO SISTEMA PILÃO

Dando largas e uma vaidade doentia — origem de todos os seus atos discutíveis e muitos condenáveis — aquele que foi «boy» de francesa, bailarino medíocre, falso maestro e tantas outras coisas falsas mas uma só verdadeira — um vaidoso — surge agora como jornalista, assinando — e «assinando» é bem o termo — um quarto de página de jornal diário, não contente com o lugar que inegavelmente ocupa, com algum reverbero, nos meios artísticos. A vaidade mórbida do decantado produtor de espetáculos musicados, alimentada (perdoai o paradoxo!) pela voraz grei dos picadinho-relations e turiferada por um ancião concupiscente e ridículo, não admite quem o critica e lhe aponta os recalques nascidos de um terrível complexo de inferioridade — complexos que são muitos — embora lhe não deixe de reconhecer qualidades, poucas, porém, citáveis. Mister Eco já sentiu toda a fúria dessa vaidade ferida, quando, por força de notórios processos, foi afastado de um diário, onde, durante quase três anos, se alguma falta cometeu, foi justamente a de não atender aos apelos subornadores do famoso homem da noite, em troca do elogio sistemático e incondicional. A demissão, entretanto, ainda não era o bastante para satisfazer a sede de vingança do responsável pela «necessaire» de Misttinguet. Ele jamais se conformou que um cronista tivesse independência e rejeitasse o seu gracioso prato de picadinho, como fez e continua a fazer o escriba desta «Noite Vadia». A vaidade enxundiosa e empavonada mostraria a este mesmo cronista ser também capaz de «fazer jornalismo», porque o augusto nome de Mister Eco lhe era difícil e indigesto entrave e os seus assalariados na letra de fôrma não estavam dando conta do recado. Fazer alguma coisa que ele não soubesse fazer ou ter que assistir a aplausos que não eram para si, também se tornavam desafio inconcebível. Assim sentiu o «dono da noite» e foi de logo dominado por um dos costumeiros acessos de vaidade. Vaidade enfermiga que não pára, que se intromete em todos os setores, que passa a borracha nos nomes dos seus colaboradores, para que o seu, somente o seu, brilhe nos anúncios luminosos. Pois bem, a vaidade do homem levou-o ao mesmo lugar, onde, por tanto tempo, militou a figura augusta de Mister Eco. E sabeis o verdadeiro motivo? Pela falsa impressão de que, ocupando o mesmo lugar, terá merecido a admiração — ponha-se pra lá a tal de modéstia à parte — de que foi alvo este que, bem ou mal, vos escreve. Pode ser. Pode ser que, cercado de uma boa equipe que lhe redija os próprios elogios, venha até a obter êxito em suas novas funções. Pode ser que até o dinamismo epistolar do dr. Moses se faça sentir, enviando-lhe um telegrama congratulatório... Pode ser, mas vai ter muito que rebolar. Rebolar tanto até destruir a incomensurável vaidade — seu único e verdadeiro inimigo — que o domina e que, em tempo que não está longe, de tanto lhe dar na cabeça o reduzirá à expressão mais simples, como no anúncio da rubiácea — pelo sistema pilão...



CONSUMAÇÃO MÍNIMA

Inaugurados, com boa frequência, os jantares-danças na piscina do Copacabana Palace. Os cronistas sociais fazem questão que se mencione «pérgola». Vá lá: na pérgola...

Como todo mundo já sabe, fechou a «boite» Bèguin, aumentando os prejuízos do pianista Sacha, sócio do sr. Carlos Machado, quando se trata de entrar bem.

Doze anos tentou Edu executar o «Motu Perpétuo» de Paganini em gaita de bôca. Quando conseguiu, deram a láurea de melhor instrumentista à sra. Carolina Cardoso de Menezes, com o seu piano positivamente borocochô.

Contrariando a teoria de que preços altos fazem seleção, Djalma Ferreira ordenou uma rebaixa geral nos preços do «Drink». E deu certo.

Como grande amoroso, voltou ao cartaz o excelente Otelo, quebrando tudo. Quebrou a cristaleira, quebrou a esposa, quebrou o casamento.

to. Depois, como sempre acontece, Grande Otelo consertou tudo também.

Na embaixada artística do Nick-brócoli Ball, figurou um artista com

o nome de Pires do Rio. Outro que, não consta dos arquivos de Mister Eco e, quem dele souber pormenores, concederá nímia gentileza transmitindo-os a esta «Noite Vadia».

Luana — o monumento folclórico — novamente no teatro da madrugada, integrada no «show» «Rio... de Janeiro a Janeiro» e aumentando a fila dos galãs da expectativa perpétua à saída da «boite».

Sucesso em Recife de Carla Nell e Billy Davis, ao lado de Valter D'Ávila — o nosso melhor comico.

Após o Carnaval, a Boite do Posto Seis, agora em fase de repovoamento, apresentará um pequeno «show» sem pretensões, só para divertir.

Perdeu a «boite» Fiesta com a saída de Mara Abrantes — a melhor «crooner» de 56. A substituta é bem fracota. Tant pis — como diz o Brício de Abreu.

Se Caymmi com «Maracangalha» não foi eleito o melhor compositor de 56, em compensação restaurou o prestígio do «uniforme branco» para maior alegria dos tintureiros...



ELISEU — DARCY — PELADO — Três pandeiros e um sucesso na «boite» Night and Day.



UM GESTO PARA REGISTRO

Neste labirinto de «melhores», de tantas mediocridades passeando, canastrice tanta, aureoladas pelos títulos de favor e de cambalacho, vale como registro de idoneidade moral o gesto de Manézinho Araújo, proprietário do restaurante «Cabeça Chata», declinando da honra marotíssima de certo cronista ter escolhido, por conta própria, a sua casa — «única» no gênero — como a «melhor», no gênero, da noite carioca... O Augusto Mister transcreve a carta resumida do homem das emboladas dirigida ao jornal que abrigava o cronista apressado, para que certos «melhores» que por aí vagueiam encabulados com a própria eleição, imitem o exemplo e remetam cartas ao seu «eleitorado», pois nunca é tarde para uma atitude digna. Eis a carta:

«Valho-me da presente para agradecer sensibilizado a honraria com que acaba de distinguir o meu humilde «Cabeça Chata», apontando como o melhor restaurante típico do Rio de Janeiro. Entretanto, como acontece ser o meu restaurante o único da cidade no gênero, cabe-me o direito de recorrer ao bom senso a fim de que me conceda a permissão de declinar de tão honrosa deferência. Quando aparecerem por este Rio de Janeiro outros restaurantes de côm tipicamente nacional, aí sim, o meu «Cabeça Chata», através um escrutínio, aguardará, se o merecer, o direito de sua justiça».

NOITE VADIA — Mister Eco — NOITE VADIA — Mister Eco — N

FRANCISCO ANÍZIO — produtor laureado — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO —
«O «MAIOR» É O PORCO QUE COME DEITADO E AINDA LHE TRAZEM A COMIDA NA CAMA!»



Pão — Diga «Prof. Raimundo», quem mandou você vir do Norte?

Queijo — A necessidade de não perder mais no físico. Minha cabeça já estava chata demais, de tanto que meu pai batia nela, enquanto falava: «Cresce, meu filho, pr'a ir pr'o Rio ganhar dinheiro dos cariocas».

Pão — E está arrependido?

Queijo — Depois que eu conversar com o Carlos Machado darei a resposta.

Pão — Que, de melhor, você encontrou na cidade grande?

Queijo — Você está esperando que eu responda: «água», mas eu não responderei. O que de melhor o Rio me deu foi o pleno conhecimento de quanto Maranguape é bom. Ou você não sabe que Maranguape é tão grande quanto Nova York? Só não temos ainda o «metrô» e tantos edifícios...

Pão — Qual a sua contribuição total para o «show» «Rio... de Janeiro a Janeiro»?

Queijo — A execução do quadro do «Museu», do quadro das camisolas e do monólogo de Copacabana, o que não foi escrito por mim foi combinado entre mim e o Machado.

Pão — E o direito autoral tem sido compensador?

Queijo — Eu não esperava que fosse...

Pão — Você está satisfeito com a dupla láurea de «melhor produtor humorístico» e autor do melhor texto de «show»?

Queijo — Muito. Só não estou satisfeito com o ordenado de «melhor produtor» e com o que recebi (até agora) pelo melhor texto de «show».

Pão — Então, você é mesmo «o maior»?

Queijo — O «maior» é o porco, que come deitado e ainda lhe trazem comida na cama.

Pão — E se não tivesse sido você?

Queijo — Teria sido o Max Nunes, o Haroldo Barbosa ou o Sérgio Pôrto, que são muito melhores do que eu.

Pão — É engraçado fazer graça?

Queijo — Quando pensamos que a coisa tem graça e o público não acha graça, é engraçadíssimo.

Pão — Cite três sujeitos engraçados:

Queijo — Carlos Machado, Caribé da Rocha e Flávio Costa. O primeiro porque pensa que eu quero pouco; o segundo porque pensa que eu quero muito e o terceiro porque eu já fui Vasco e manjo o homem.

Pão — Os seus personagens «existem»?

Queijo — Muitos. Mas os que os inspiraram e, por isto, são verdadeiros... não sabem de nada!

Pão — Quais os cômicos de sua preferência?

Queijo — Os torcedores do Flamengo, quando o Vasco está vencendo por um a zero, «goal» de «off-side». Os da arquibancada.

Pão — Que mais lhe agrada, produzir ou interpretar?

Queijo — Receber.

Pão — Qual a sua opinião sobre Nancy Wanderley, como artista?

Queijo — Ela é tão boa atriz quanto cada um se sente ser quando vai ao programa de calouros.

Pão — Fora das suas atividades artísticas, você faz vida noturna?

Queijo — Tempo é dinheiro e eu... não tenho tempo.

Pão — Você tem medo do «estrôncio-90»?

Queijo — Não. Tenho medo é de lotação, briga de foice e contrato de dois anos.

Pão — Como você resolveria o caso do Canal de Suez?

Queijo — Não resolveria. Ele tem-me fornecido ótimas piadas.

Pão — Serão judiciosos os conceitos da Arara?

Queijo — Qual Arara? A própria?

Pão — Sem que Nancy Wanderley nos ouça, qual a moça mais bonita do teatro musicado?

Queijo — Sem que o Amílcar de Freitas nos ouça: Edith Morel!

Pão — E agora, você quer dar o boné a Mister Eco?

Queijo — É agora, Augusto? Quer me dar o boné?

ANTOLOGIA DE FRASES CÉLEBRES

Aos pobres mortais botocudos, Heron Domingues manda dizer: «Esta é uma cidade de personalidades; o Cairo é o Cairo».

— E Mister Eco que pensava que o Cairo

fôsse apenas um restaurante da Av. Atlântica, ruinzinho por sinal!...

★

Anunciando um programa de televisão, Flávio Cavalcanti dos Discos Impossíveis prometeu: «No próximo domingo, vamos mostrar aos senhores o que há de feio, o que há de triste na noite carioca».

— Cuidado, Flávio! Podeis perder o emprego...

★

Aborrecidinha da vidinha, Pomona Politis comenta: «... a tal «Marcha do Didu» é de tal mau gosto que se fôsse em outro país, o conhecido banqueiro poderia ter mesmo impedido a sua gravação».

— Ora, Pomoninha, o «conhecido banqueiro» está satisfeito com a musiquinha que vai reviver o seu nome — pilide como diz a Tiana — já em desuso.

★

Os queridos cronistas a quatro mãos advertem: «Nossa companheira Leda Rau e esta coluna nada têm a ver com a festa realizada numa residência...»

— Esclarecimento: a tal festa, por força de saborosos «croquettes» de camarões, mandou pa-

ra o hospital 42 convidados, inclusive a noiva, que era de casamento, em estado lamentável... E Sérgio Pôrto disse ter sido por eles patrocinada...

A ARARA TOPOU



... e aplaude o cantor Carlos Augusto por ter gravado a «Marcha do Didu», refugada desde o ano passado por Jorge Veiga. Afinal de contas, a figurinha do «café-society» está muito aquém de ilustres personalidades pátrias que não escaparam à irreverência dos nossos compositores. Ou não?

A ARARÁ CHUTOU



... a atitude do ator Ziembinsky, recusando o prêmio de melhor coadjuvante de 56, com que foi galardoado pela crítica paulista. O Ziembinsky ficou muito cheio de dodói com a palavra «coadjuvante», ele que, segundo declaração própria, veio mostrar aos brasileiros como se faz teatro. Ah, os gênios!

TREINOU PELA PRIMEIRA VEZ



Antônio Maria, organizador do selecionado, pleiteou (e conseguiu) ser o massagista do mesmo. Rubem Braga ensaiou uma cabala tentando o lugar, mas desistiu logo. Na foto, Antônio Maria já com o uniforme de massagista, pronto para entrar em ação.

FIM de ano. Seguindo um hábito bastante jornalístico (popularizado pelos norte-americanos), os colunistas elegem os homens e as mulheres que mais se destacaram durante o ano. E lá vêm eles, enfileirados, sempre em número de 10, com o rótulo: os mais elegantes, os mais bonitos, os mais inteligentes, os mais sóbrios, os mais isto e os mais aquilo.

Antônio Maria (colunista mundialmente famoso no Brasil) sabendo que do alto de sua coluna de «O Globo» 400 séculos o contemplam, resolveu honrar essa responsabilidade e fazer alguma coisa diferente. E organizou um «scratch» com os homens e mulheres mais destacados do ano. Ouviu amigos de bom senso (homem feliz que os tem), jornalistas, escritores, etc. e pronto. Para começo de conversa escolheu as posições desse selecionado imaginário mas por isso mesmo de uma força terrível: pintura, arquitetura, literatura, obras sociais, reportagem, poesia, música, teatro, esporte, beleza e escultura. Escolhidas as posições, saiu por aí perguntando a todo mundo o que achava de fulano, de beltrano, qual era o maior escultor, o maior poeta, etc. E no dia 22 de dezembro, o selecionado estava pronto e ganhava a notoriedade nas páginas de «O Globo» e de sua «mesa de pista».

Pronto o selecionado, surgiu a idéia natural de reuni-lo, para que fossem traçados os planos e as táticas nesta época de tantas chaves e sistemas.

REUNIDOS NA REDAÇÃO DE "O GLOBO", OS CRAQUES ESCOLHEM ROBERTO MARINHO PARA TÉCNICO E ANTÔNIO MARIA PARA MASSAGISTA ★ RUBEM BRAGA QUERIA ACUMULAR AS DUAS FUNÇÕES: JOGADOR E MASSAGISTA ★ O DIRETOR DE "O GLOBO" FEZ UMA BONITA SAUDAÇÃO E D. HELDER CAMARA UMA SUGESTÃO, APROVADA EM REGIME DE URGÊNCIA-URGENTÍSSIMA (COMO NO SENADO): EFETUAR UMA REUNIÃO (TREINO) TODO MÊS, ATÉ O FIM DO ANO ★ PRÓXIMO CONJUNTO: DIA 17 DE MARÇO, AINDA NA REDAÇÃO DE "O GLOBO"

Reportagem de ELMO LINS e fotos de ALBERTO FERREIRA



Roberto Marinho fez a saudação ao selecionado, além de ceder o campo para o primeiro treino. Foi escolhido (por unanimidade) para o lugar de técnico.

Tendo o dr. Roberto Marinho oferecido o campo (o edifício de «O Globo» ficou decidido: o primeiro treino seria lá. E foi o que aconteceu na última sexta-feira. Recebidos e introduzidos por Walter Poyares (de função misteriosa junto a esse selecionado), os jogadores conheceram a formidável organização do maior jornal da América do Sul e depois foram ao almoço, como final do espetáculo. Terminada a comida (João Condé repetiu o peixe duas vezes e ainda bebeu o vinho de Guimarães Rosa), Antônio Maria falou ligeiramente. Depois, Roberto Marinho se encarregou das saudações, simbolizando na pessoa de D. Helder Câmara (que o Diretor de «O Globo» insinuou como sendo o Zizinho desse «scratch»), todos os seus componentes. E por fim numa fala excelente e bem humorada, D. Helder fez uma proposta: sendo 11 os componentes do selecionado e sendo de 11 meses a duração de seu reinado (a palavra empregada por D. Helder foi essa mesma, por sugestão de Maria Clara Machado) que eles se reunissem todos os meses, no mesmo local, para um bate-papo, e para que se conhecessem melhor. Posta em votação a proposta (em regime de urgência-urgentíssima) foi ela aprovada e marcada a data do novo encontro: 17 de março, por coincidência aniversário do massagista e organizador do quadro, o colunista Antônio Maria. (Por falta de tempo não foi organizada a comissão encarregada de comprar o presente para o aniversariante.) João Cabral de Melo Netto, titular da posição Poesia, estando na Espanha, foi representado por Herbert Moses. E Caymmi preocupado com a mudança de sua capital particular, para Maracangalha, mandou em seu lugar João Condé.

O "SCRATCH" ANTÔNIO MARIA



FIRMINO SALDANHA
Pintura



C. CAR NIEMEYER
Arquitetura



GUIMARÃES ROSA
Literatura



D. HELDER CÂMARA
Obras sociais



HERBERT MOSES
Poesia



RUBEM BRAGA
Reportagem



JOÃO CONDÉ
Composição



MARIA CLARA MACHADO
Teatro



ADEMAR FERREIRA DA SILVA
Esporte



MARIA DE LOURDES MONTEIRO
Beleza



ALFREDO CESCHIATTI
Escultura

Nesta foto originalíssima, vemos pela primeira vez reunido o "scratch" Antônio Maria. (Confidencialmente dizem que a recusa do Honved de jogar no Brasil tem ligações com a organização deste selecionado). Da esquerda, em pé: de óculos escuros, o pintor Firmino Saldanha, que terminou agora em Belo Horizonte, um painel de 37 metros, o maior já feito no Brasil; Oscar Niemeyer, uma das maiores figuras do Brasil e um dos grandes da arquitetura mundial; Guimarães Rosa, sensação literária do ano, com o livro "Grande Sertão: Veredas"; D. Helder Câmara, que conseguiu quase o impossível na questão das favelas e apontado (por unanimidade) para Prefeito do Distrito Federal na eleição de 1958; Herbert Moses (substituindo João Cabral de Melo Netto, presentemente na Espanha); e Rubem Braga, escolhido para defender a posição de reportagem, mas que poderia figurar em qualquer outra com o mesmo sucesso. Ajoelhados, ainda partindo da esquerda: João Condé (substituindo Dorival Caymmi, ausente, preocupado com a mudança de sua capital particular para Maracangalha); Maria Clara Machado, autora este ano do maior sucesso do teatro infantil e animadora incansável do Tablado; Ademar Ferreira da Silva, elegantíssimo de terno branco e com a firme disposição de disputar em 1960 o tricampeonato olímpico; Maria de Lourdes Montetiro escolhida para defender a posição intitulada beleza (e que outra lhe ficaria melhor?); e finalmente, na ponta esquerda desse selecionado formidável, Ceschianti, escultor com tantos sucessos quantos são as suas obras.







GRAVES ACUSAÇÕES DE PIEDADE COUTINHO AOS DIRIGENTES DO ESPORTE AMADOR

A CAMPEÃ DOS CAMPEÕES EM NADO LIVRE, PELA PRIMEIRA VEZ, REVELA AS RAZÕES PORQUE DEIXOU DE COMPETIR NAS OLIMPIADAS ★ TÉCNICOS EM NATAÇÃO QUE MORRERIAM AFOGADOS, SE ATIRADOS AO MAR ★ A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO CONTA COM UMA PISCINA EM SUAS DEPENDÊNCIAS ★ COISAS DO ESPORTE AMADOR

Texto de **SILVIO DONATO**



Muitos têm estranhado o fato de Piedade Coutinho, campeã carioca, brasileira e sul-americana em nado livre, de todas as distâncias desde os 100 aos 1.500 metros, não ter, nestes últimos anos, competido em Olimpíadas. Alguma coisa deveria estar errada. Os leigos chegavam às mais disparatadas conclusões, mas só a própria Piedade Coutinho poderia esclarecer a questão. Fomos procurá-la.

AS 983 MEDALHAS CONQUISTADAS POR PIEDADE COUTINHO

Piedade Coutinho está residindo em Botafogo, defronte ao mar, seu grande companheiro. As paredes de seu apartamento são decoradas com quadros repletos de medalhas. Ao todo são 983. Resultado de muito esforço e dedicação a um único esporte, a natação. Sua carreira começou em 1934, no Guanabara. De lá até 1953, Piedade esteve no Flamengo, Guanabara outra vez, Fluminense e Botafogo. Em campeonatos mundiais teve as seguintes colocações: 1936, Berlim, 5º lugar; 1948, Londres, 6º lugar e 1952, Filadélfia, um 6º lugar. No decorrer desta entrevista Piedade explicará a razão pela qual não obteve uma melhor colocação ou mesmo um primeiro lugar, nessas competições.

Começou a nossa entrevista: «Difícil é para os que estão fora da movimentada política esportiva entender certas coisas ou mesmo aceitá-las. Por exemplo: quem poderá crer que um técnico de natação, formado pela Escola de Educação Física, com diploma pendurado na parede e tudo mais, não saiba nadar. Muitos vão pensar que sou exagerada, outros vão argumentar que estou magoada, enfim, as línguas vão ter trabalho, mas a verdade é que a Escola de Educação Física não tem, em suas instalações, uma piscina. As aulas são puramente técnicas. No dia das provas finais, alugam a de um clube qualquer e lá vão. O tempo para cem metros é razoável. Quem cobri-lo, leva a nota 10, fazendo 75 metros, ganha 7,5. Chegando aos 50 metros (quase todos chegam) um 5 é a recompensa e não é exigir muito, pois qualquer criança cobriria o percurso, relativamente pequeno, no espaço imenso de tempo que é dado. Mas para receber o diploma, basta um 4, portanto, a

coisa é sopa. O diabo vai ser quando alguém tiver a idéia de atirar um técnico em natação ao mar. Será mais um afogamento para a primeira página dos jornais. Esta explicação toda foi para esclarecer a razão pela qual o Brasil nunca teve um lugar de destaque nas Olimpíadas. Os homens que preparam os competidores são teóricos, têm um ótimo espírito de equipe e de organização, mas na hora da prática, digo com conhecimento de causa, não há um, mas nem um mesmo, que possa ser considerado um técnico.»

OS INIMIGOS DO ESPORTE AMADOR

«O esporte amador está cada vez mais fugindo ao seu espírito. É difícil fazer campeões. Os jovens não encontram apoio, nem do governo, nem dos dirigentes dos clubes. Um nadador amador, por exemplo, compra tudo para si, desde o sabonete, toalha, calção, até a condução para, muitas vezes, representar o clube em competições, prossegue Piedade Coutinho, cada vez mais animada com a nossa reportagem. Os maiores inimigos do esporte amador são as organizações de classe que têm uma atividade muito mais complexa que muito partido político. Impera o regime do apadrinhamento em grande escala. Ainda na última Olimpíada, de Melbourne, a formidável nadadora que é Silvia Bitram, paulista, foi indecentemente posta para trás por um dirigente que tinha interesse em levar uma jovem protegida sua. Resultado: a pequena, riquíssima, não chegou nem às semi-finais.»

Neste ponto Piedade Coutinho fez uma pausa para contar coisas que por sua natureza gravíssima, não poderão ser publicadas. Iriam desmoralizar demasiado as ditas organizações de classe. Prossigamos ouvindo Piedade, a campeã das campeãs, agora já respondendo à pergunta que nos levou a procurá-la...

SEM PADRINHOS PIEDADE «PROIBIDA» DE COMPETIR

Por que não competiu mais em Olimpíadas, era a nossa pergunta. Piedade chegou a ficar vermelha de indignação, só em lembrar. «Não foi por minha vontade, posso lhes garantir, muito menos por incompetência. Sinto-me tão em forma como nos meus tempos mais brilhantes. O negócio é que em toda a minha carreira sempre fui muito positiva, sempre apontei os erros dos dirigentes, nunca entrei em cambalachos. Por isso mesmo, não tenho um amigo nos esportes, entre os «donos». Uma prova disso é que em 1955 falei com o Luiz Lima, do Guanabara, que

estava disposta a competir no Sul-Americano do ano. Ele tratou de fazer minha inscrição, pois sabia-me pronta para o tempo índice exigido pela C. B. D. Mesmo que eu não estivesse preparada, havia um mês de prazo para treinos intensos. Aqui cabe explicar, ligeiramente, como se faz um tempo, em natação. De dia para dia, o nadador cobre mais um trecho da distância exigida, não o fazendo todo de uma vez para não estourar. Comecei a cobrir o meu tempo. Qual não foi a minha surpresa ao saber que a C. B. D. com o intuito único de barrar a minha ida, havia diminuído o prazo de um mês para uma semana. Essa foi a prova dos nove para mim. Senti que eles não me queriam ver nem pintada. Desisti, desisti até que alguém possa provar-me que não há política, não há proteção para os apadrinhados, como isso jamais acontecerá, presumo que jamais participarei de competições oficiais.»

COMO SÃO PREPARADOS OS COMPETIDORES AS OLIMPIADAS

Piedade Coutinho fez questão de explicar aos nossos leitores como é feita a seleção dos competidores para as Olimpíadas, no Brasil, e a formação da comitiva.

— O atleta tem seis meses para se preparar. Mas acontece que durante esses seis meses ele não pode, uma única vez, sempre que se apresentar em competições, deixar de obter o tempo índice. Se tal acontecer, será desclassificado. Resultado: quando o nadador chega ao país da competição, já vai estourado. Isso não é tudo. O concorrente não recebe a menor ajuda financeira. Só tem direito a passagem de ida e volta, estada durante as Olimpíadas e é só. Se o desgracado adoecer e precisa de uma injeção, caso não tenha dinheiro para comprá-la, morre ali mesmo. Visitas pelos lugares pitorescos, é impossível, pois ninguém tem a lembrança de organizá-las. O que salva são as comitivas formadas pelo povo da cidade onde é a Olimpíada. Para dar uma idéia do que seja a tal comitiva que acompanha os disputantes, basta dizer que em 1952, conforme rezava seu passaporte, o responsável pelo material esportivo, que em bom português quer dizer o roupeiro, era um almirante. Terminada a competição, o amador embarca imediatamente, a não ser que ele tenha dinheiro para se agüentar, mas a «comitiva», segue viagem pelo mundo, visitando diversos países, tudo por conta da verba concedida para os miseráveis esportistas amadores brasileiros irem «defender» nossas côres. Acho melhor parar por aqui para não ganhar mais alguns inimigos, finaliza Piedade Coutinho.



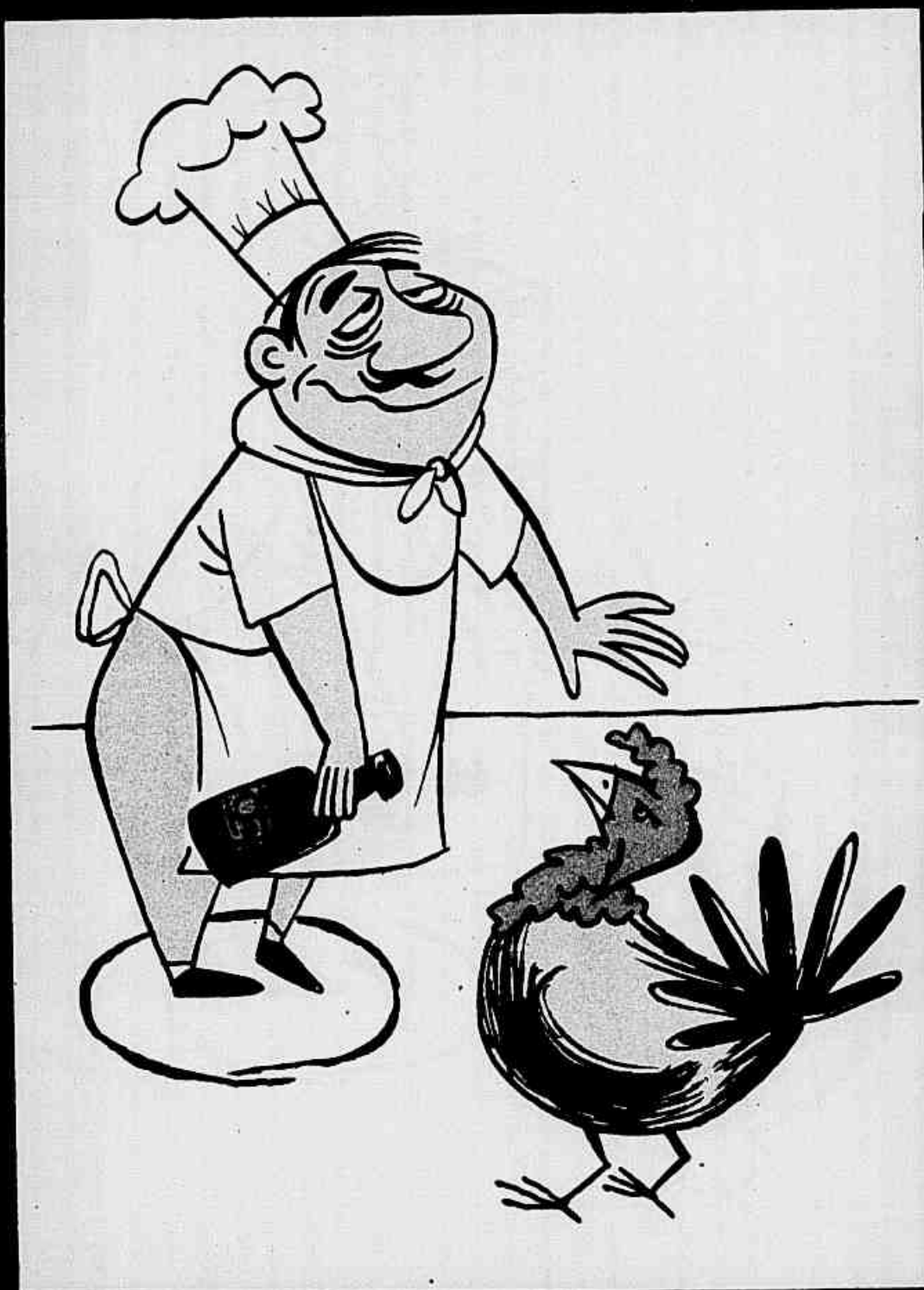
Piedade Coutinho dedicou toda sua vida a ajudar os meninos atacados de paralisia infantil. E os poderes públicos não fazem nada para ajudá-la nessa luta.

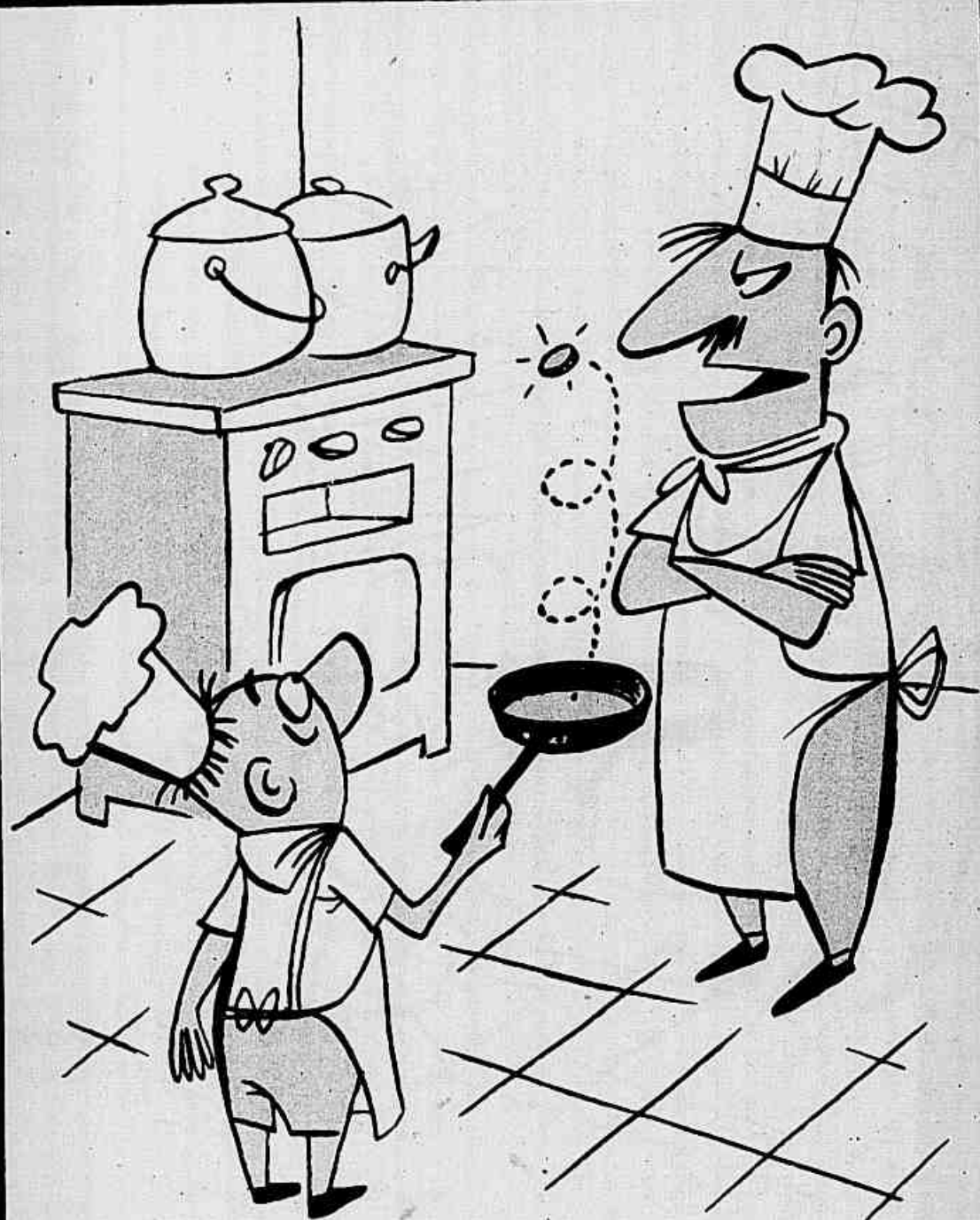
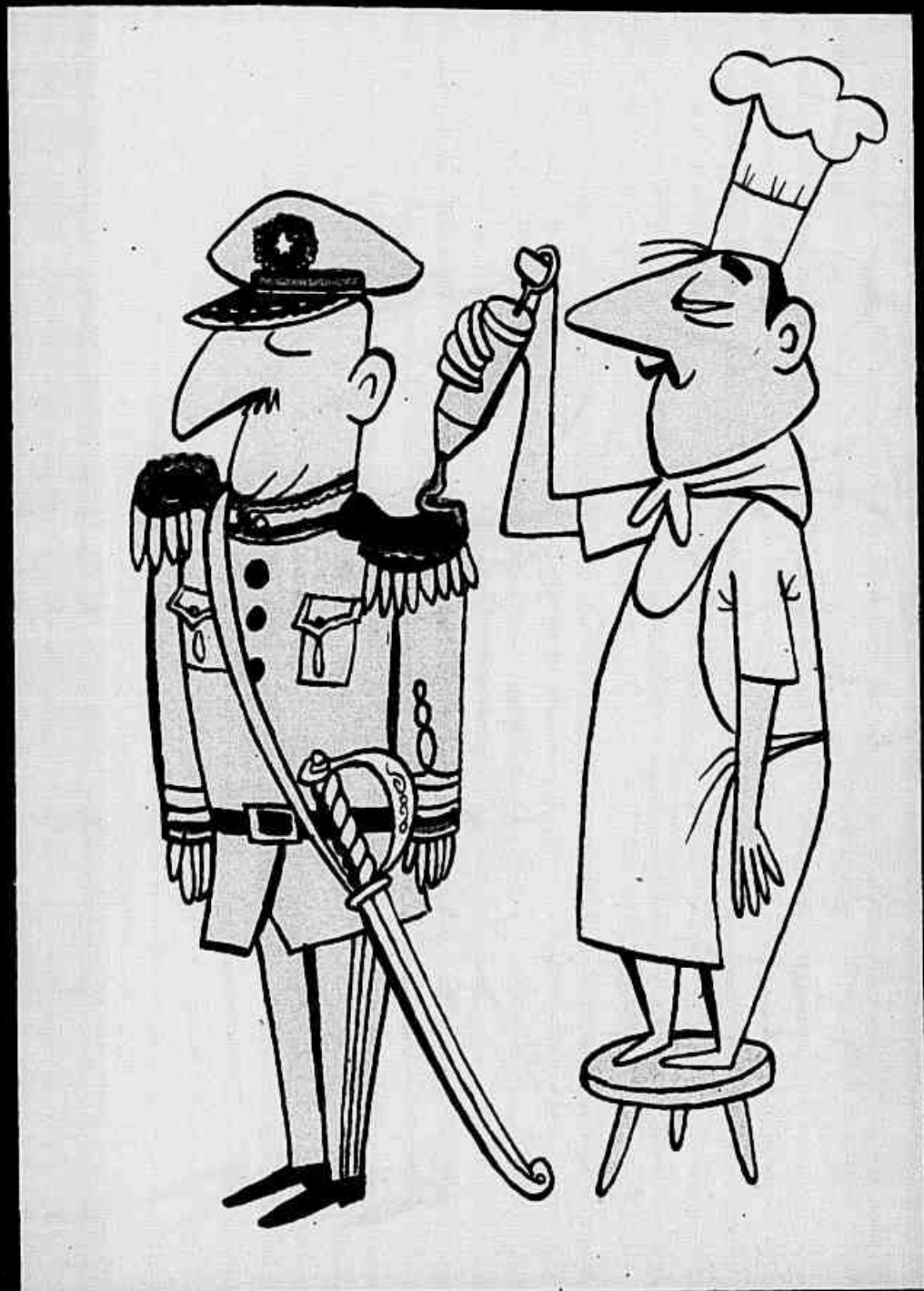
FORTUNA (à brasileira) **APRESENTA**

Chez M'sieu le Cucca



— E' o segredo dêle.

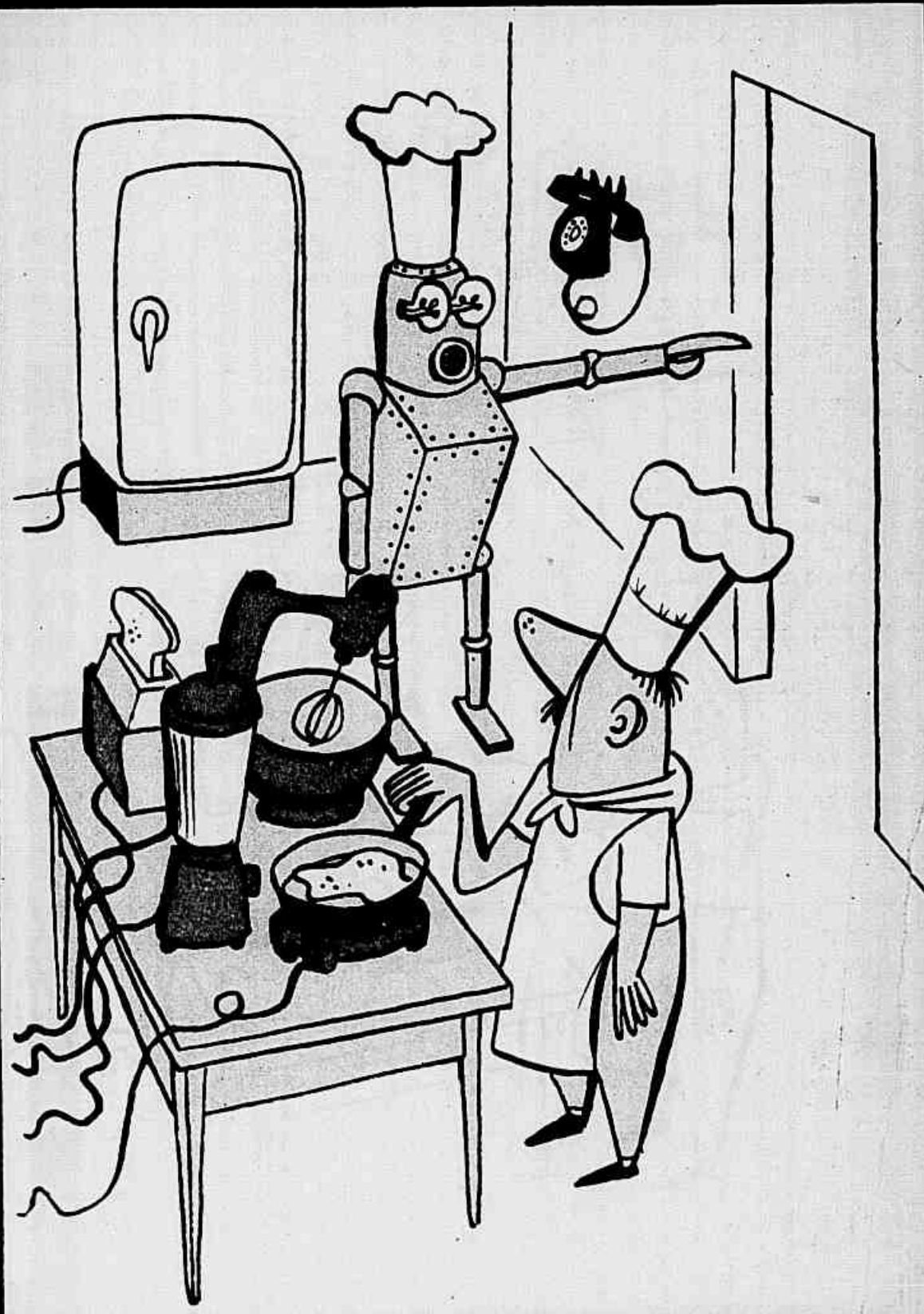




— Vamos ver: agora coroa.



— ... bem me quer!



CONVERSA

DE

MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



SUA BELEZA

SE SEUS CABELOS SÃO MUITO GORDUROSOS deve lavá-los diariamente ou, no mínimo, um dia sim e outro não, principalmente agora, durante o verão. O calor estimula o funcionamento das glândulas localizadas no couro cabeludo e que secretam uma substância gordurosa que, de rápida decomposição, pode ocasionar mau cheiro.

Lave os cabelos com muita água e sabão, fazendo espuma abundante, e enxágüe-os cuidadosamente. Na última água ponha uma colher das de sopa de vinagre, ou de caldo de limão.

Se não puder lavar a cabeça com tanta frequência, use um xampu seco, entre as lavagens. Há 2 maneiras de aplicar xampus secos:

a) — se tem os cabelos claros, espalhe pelos mesmos bastante talco, friccionando com as pontas dos dedos, a fim de que penetre

profundamente. Deixe metade de um dia e depois remova todo o talco com uma escova firme. O talco terá absorvido toda a gordura que existir na cabeça, deixando-a limpíssima;

b) — um outro tipo de xampu seco é com água de Colônia. Divida o cabelo em pequenas mechas e esfregue diretamente o couro cabeludo, a fim de remover a poeira e o óleo.

★

ANDE COM UM LIVRO NA CABEÇA para adquirir um caminhar elegante. Faça a experiência: se o livro cair logo, é sinal de que não anda como deve. Exercite-se, por 10 minutos, diariamente: o livro ajudá-la-á a manter a cabeça erguida, os ombros direitos, a barriga encolhida. Quando estiver na rua, continue a imaginar que tem um livro sobre a cabeça para andar com elegância.

O maior desejo da mulher Norte-Americana

A mulher solteira norte-americana, com menos de 35 anos, não tem como principal finalidade de sua vida «agarrar um marido». Esta foi a conclusão de um «inquérito monstro», realizado entre 15 mil jovens dos Estados Unidos — a grande maioria delas solteiras. Ao contrário da expectativa, apenas 1% tem esse desejo como o principal.

A pergunta foi a seguinte: «Qual é seu mais vivo desejo?» E as respostas foram assim classificadas, em ordem de preferência:

- 1 — Viajar muito;
- 2 — Conhecer muita gente;
- 3 — Que o mundo viva em paz;
- 4 — Estudar, para adquirir uma boa cultura;
- 5 — Tornar-me uma boa cozinheira (resposta da maioria das senhoras casadas);
- 6 — (Até que enfim!) — Um bom marido.

TUDO, MENOS...

E já que estamos no assunto, vamos contar outra coisa. Em Nova York existem lojas especializadas em roupas de senhoras altas, baixas ou gordas. Em uma loja dessa espécie, encontram-se roupas para todas as ocasiões: de gala, de esporte para casa, assim como acessórios que se harmonizem, tudo proporcional ao tamanho ou a gordura da cliente. Numa dessas lojas comerciais, destinada às altas, havia o seguinte aviso, logo na porta da entrada: «Estamos em condições de fornecer às nossas clientes tudo, menos um marido alto».

A IDADE DO PAPEL...

Entre os anúncios de brinquedos de um jornal alemão, por ocasião das últimas festas natalícias, havia o seguinte, em letras bem grandes, assinado por uma importante cadeia de lojas de brinquedos de corda: «Nossas lojas estão repletas de brinquedos que farão felizes qualquer criança. No entanto, se quer dar um brinquedo que agrade cem por cento, diga-nos também a idade do papel da criança».

SUGESTÃO PARA O LAR



Uma boa idéia para aumentar o espaço em sua cozinha, é a colocação de um balcão como este, muito cômodo como mesa auxiliar e que serve também para pequenas refeições de uma só pessoa: uma criança que deve almoçar antes para ir à escola, ou alguém que deseja um lanche fora de hora.

NOTINHAS ÚTEIS

ECONOMIZE O LIMÃO — Quando precisar utilizar apenas algumas gotas do limão não o corte. Com um garfo, faça uma série de furos na casca e exprema. O suco sairá e o limão continuará intacto.

SE A GEMA DE OVO SE DESMANCHA NA FRIGIDEIRA não quer dizer que o ovo está estragado, necessariamente. Mas significa que não é já tão fresco.

UMA BOA PASTA PARA LIMPAR METAIS — Obtém-se misturando bicarbonato de sódio comum com um pouco d'água, até adquirir a consistência adequada para ser espalhada sobre a peça a limpar.

MANCHAS DE ÓLEO — Qualquer mancha de óleo pode ser retirada facilmente com essência de terebentina. Se o objeto a ser limpo não for delicado, mas grosseiro, use água-raz, em vez da terebentina, que o resultado é o mesmo.

UM MÓLHO DELICIOSO PARA PUDINS — Quando descascar maçãs não ponha fora as cascas. Ferva-as, juntamente com alguns cravos, um pau de canela e uma colher das de sopa de mel ou de glicose. Terá um mólho ótimo para servir com pudins ou com sorvetes.

WEEK END NA COZINHA

Um prato delicioso para servir a seus convidados são esses «tournedos», cobertos com ervilhas e purê de bata, de forma muito ornamental.

1 — Preparar primeiro as ervilhas, cozinhando-as em água, com ou sem sal, conforme sejam frescas ou de lata.

2 — Cozinhar as batatas, para o purê.

3 — Amarrar cada «tournedo» (os tournedos são fatias de filé cortadas da ponta roliça) de forma que não perca o seu feitio quando preparado.

4 — Cortar fatias de pão de fôrma, altas de 2 cm., e arredondá-las a fim de que tenham o mesmo formato dos «tournedos».

5 — Refogar as ervilhas — que já estarão cozidas — em um pouco de manteiga.

6 — Preparar o purê com as batatas, passando pelo passador ou por uma peneira. Tornar a pôr no fogo com um pouco de manteiga e de leite e, se preciso, pôr mais sal.

7 — Fritar na manteiga as rodela de pão.

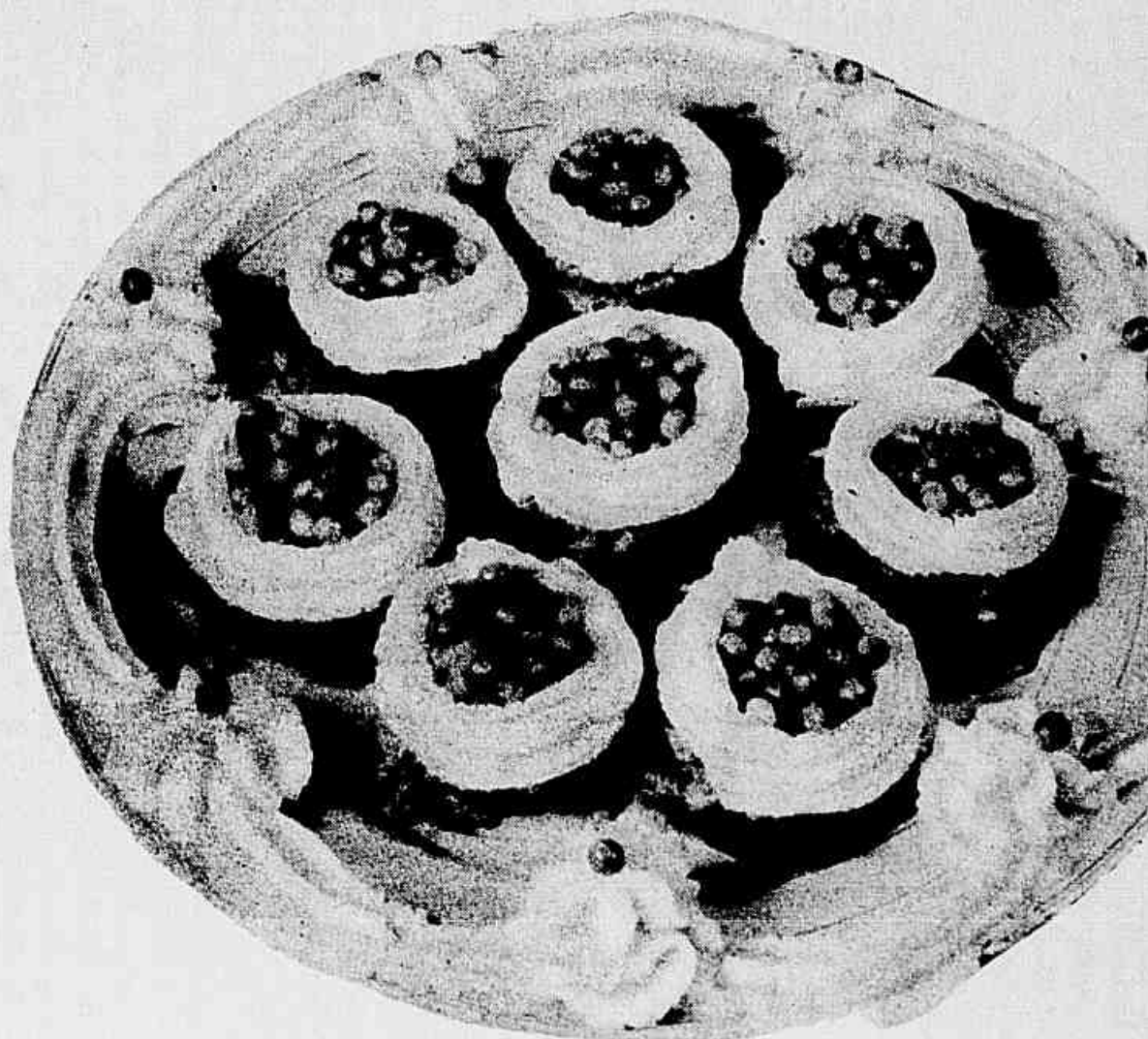
8 — Fritar os «tournedos» numa frigideira com manteiga, de um lado e de outro, banhando-os com algumas colheradas de vinho branco, e deixando que cozinhem nesse caldo por poucos minutos.

9 — No prato de servir arrumar: as rodela de pão

— por cima os «tournedos» (desamarrar)

— fazer um círculo sobre estes (como na fotografia), com o purê de batatas

— arrumar as ervilhas dentro dos círculos, bem quentes.
Se tiver que esperar alguns minutos antes de levar para a mesa conservar o prato em forno quente.





POLÍCIA, PUBLICIDADE DO FILME E CENSURA RESPONSÁVEIS PELA EXPLOÇÃO DO "ROCK'N ROLL"

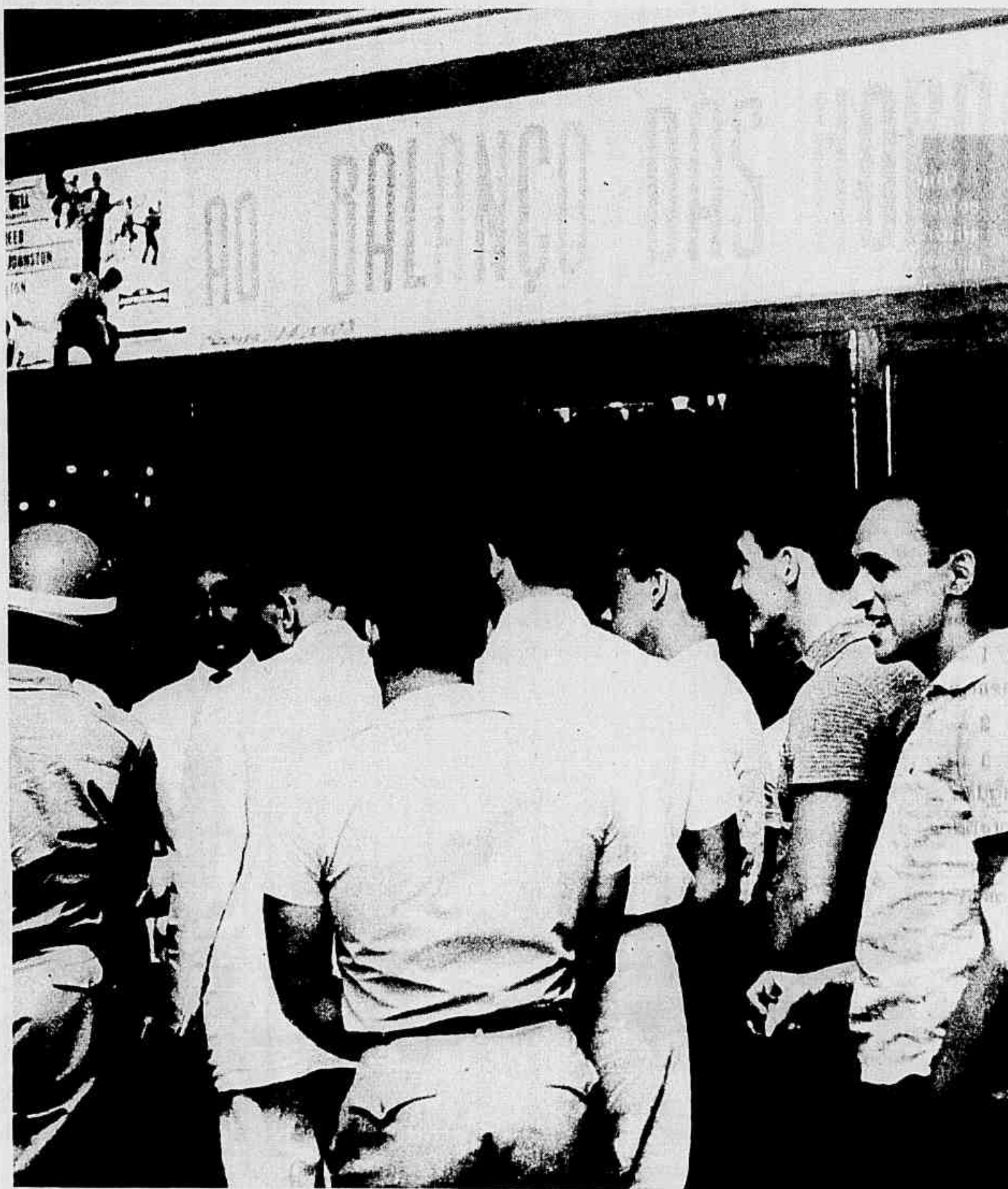
O filme deveria ter sido PROIBIDO para maiores de 10 anos — Com o aparato policial que se formou na porta dos cinemas, os garotos se sentiram estimulados (e até obrigados) a fazer qualquer coisa — E os conflitos e manifestações começaram antes da exibição do filme — o que prova que o que enlouquece não é o ritmo mas a imbecilidade e a irresponsabilidade das autoridades — As recomendações absurdas da Censura criaram o clima para as violências — O filme é censurado, mas a publicidade das companhias não. Resultado: foi feito um apelo indireto aos baixos instintos da mocidade e ela reagiu como se esperava — Se o filme tivesse estreado normalmente, sem esse aparato publicitário e policial, não teria acontecido coisa alguma — pois o filme é medíocre, o ritmo é água com açúcar, e nada é original. —

Reportagem de SÉRGIO ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

5 CINEMAS em polvorosa, milhares de garotos agitados, confusão em toda cidade e desorientação das autoridades foi o que se conseguiu com a estréia (preparada), do filme que apresenta o novo ritmo conhecido como Rock'n Roll.

Ninguém precisaria ser mágico (ou adivinho), para prever que com a publicidade (dirigida) do filme, com a preparação imbecil da Censura e com as demonstrações aparatosas e excitantes da polícia, algo de grave teria que suceder. E foi o que aconteceu. Capitalizando a in-



A agitação maior foi no Cine Rian (foto) onde a juventude transviada ficou mais exaltada. Os curiosos também eram muitos. Ficaram horas diante do cinema, não para assistir ao filme e sim ao espetáculo provocado principalmente pela irresponsabilidade das autoridades.



O APARATO POLICIAL

consciência natural dos garotos, e a desorientação e desajustamento de uma geração (a famosa geração coca-cola), a publicidade do filme arrastou toda uma cidade a cenas lamentáveis e impressionantes, que as autoridades só fizeram estimular (no início), e não souberam como controlar, depois do seu desenvolvimento. E a Censura, que com as suas determinações espalhafatosos e inconsciente só fez agravar o problema, é também uma das grandes responsáveis pelo que aconteceu.

OS ACONTECIMENTOS

Antes da hora marcada para a abertura dos cinemas que exibiram o «Balanço das Horas», já se notava uma excitação fora do comum. Multidões de rapazes se postavam a porta dos cinemas (Rian, São Luís, Leblon, Rex e Carioca), formando filas que se estendiam a perder de vista. A semelhança impressionante no vestir e no falar, como no modo de proceder, revelava que a identidade entre eles era mais que pura coincidência e que o objetivo que os levava ali, não era apenas o de assistir um filme. Eram representantes autênticos e credenciados da juventude transviada, cloroformizada pelos fenômenos naturais de um mundo já de si inquieto, e estimulada com os filmes de Marlon Brando e a morte (e depois o mito) de James Dean.

Ainda nas filas a confusão era grande. E como o aparato policial era cada vez maior, os garotos viaavam a polícia, se excitavam, dançavam o Rock'n Roll em plena rua. Meninos e meninas (vestidos iguaizinhos) se confundiam, olhavam nervosamente para os relógios, numa impaciência que era menos da idade do que um reflexo dos erros das autoridades.

Finalmente às duas horas teve início a sessão, como sempre com jornal nacional e trailers. Os gerentes dos cinemas, a essa altura apavoradíssimos, só faziam telefonar para a Rádio Patrulha, Distritos Policiais, Polícia Especial, Chefatura de Polícia, etc. E como os apelos eram atendidos prontamente, foi chegando po-



lícia de todos os lados, polícia fardada, polícia à paisana, polícia secreta, de tal maneira que em dado momento havia mais policiais que espectadores. A confusão era geral.

Polícia Especial expulsando do cinema um menino que deve ter menos de 15 anos. Em todos os lugares o espetáculo se repetiu.

Não há dúvida que a publicidade da companhia lançadora do filme contribuiu (e muito) para aumentar a excitação dos garotos.





Polícia, Publicidade...

A excitação foi completa. Vejam este jovem, num passo complicadíssimo, com o seu cachimbo à Jacinto de Tormes.

divulgado do Rock'n Roll, eram muito poucos os garotos que estavam no interior dos cinemas pois a maioria já havia sido expulsa. Isso prova que não foi o ritmo o causador dos acontecimentos e sim fatores estranhos e facilmente localizáveis.

A SUSPENSÃO DAS SESSÕES

A coisa continuou de tal maneira que todos os cinemas tiveram que fechar as portas. No Rex, cadeiras foram atiradas nas ruas, prisões foram efetuadas, até que as 5 e 20 o filme foi suspenso. As 8 e 30 reabriu mas com tanta polícia na sala de exibição, que não foi possível vender entrada.

No São Luís as coisas estiveram feias, principalmente por volta das 2 e meia. Também suspendeu a exibição. Não mais reabriu.

No Carioca houve conflito de verdade e embora a polícia tivesse agido com brandura (pelo menos diga-se isso em seu favor), alguns garotos saíram feridos. Foram efetuadas 40 prisões, logo relaxadas.

No Leblon as sessões foram mais calmas e com ligeiras interrupções. Assuadas, vaías e bater de pé foram as manifestações mais usadas.

Indiscutivelmente no Rian, foi onde os acontecimentos estiveram a pique de assumir consequências mais graves. Foi também onde o policiamento foi mais numeroso e ostensivo, o que vem corroborar o que dizemos: foi principalmente a polícia e não o ritmo da dança do Rock'n Roll que enlouqueceu os garotos.

APRECIÇÃO FINAL SOBRE O FILME

Duas palavras finais sobre o tão discutido Balanço das Horas: desinteressante como espetáculo, monótono, sem nenhum atrativo. Categoria: musical de terceira classe. História: um empresário de Jazz que depois de vários fracassos descobre um conjunto no interior, especialista em um ritmo novo que é precisamente o Rock'n Roll. Leva esse conjunto para as grandes cidades, faz sucesso, ganha dinheiro, e como nos finais felizes, casa com a mocinha. Tudo isso contado com lentidão, em ritmo arrastado, com fotografias pobres. Em suma: história banal, fotografias sofríveis, atores desconhecidos, ritmo monótono.

Os mesmos personagens mas em outro ângulo. Houve de tudo nos cinemas que exibiram o Balanço das Horas.

AS PRIMEIRAS ESCARAMUÇAS

Finalmente começou o tão esperado Balanço das Horas. Inocente, monótono, sem sombra de excitação. Mas como os garotos já estavam devidamente excitados pela publicidade escandalosa e pelo aparato policial, qualquer coisa servia. E cumprindo rigorosamente as determinações da Chefia de Polícia e da Censura, os garotos foram sendo expulsos violentamente do cinema. Um simples bater de palmas valia uma expulsão. E como o número de policiais a essa altura dos trabalhos, era maior do que o número de espectadores, a coisa era fácil de executar. Mas chegados na rua os garotos se libertavam e explodiam. E detalhe importantíssimo para o estudo dos acontecimentos: quando se ouviu pela primeira vez no filme o ritmo tão





“ESTOU INDECISO E COM MÊDO DE VOLTAR PARA A HUNGRIA”

29 ANOS DE IDADE E 2 OU 3 MAIS DE FUTEBOL — DIDI, O MAIOR JOGADOR BRASILEIRO — CAPITÃO DO EXÉRCITO COM REGALIAS ESPECIAIS — MAS ESSAS REGALIAS DESAPARECERÃO QUANDO SEU FUTEBOL ACABAR — NUNCA DEU PONTAPÉ EM CAMPO — ATÉ HOJE SÓ TEVE UM CLUBE: O HONVED

Reportagem de ANA VERÔNICA

Foto ALBERTO FERREIRA

«Nunca dei nenhum pontapé em adversário nos 14 anos de profissionalismo que já tenho nas costas», disse Puskas enquanto se comentava certos times que têm jogo bruto. «Mas se me atacam, penso: — um a zero — e espero uma ocasião adequada para mandar uma bola bem orientada nas canelas do atacante. Penso outra vez — um a um — e continuo muito feliz jogando como se nada tivesse acontecido».

— Cada jogador tem o seu ponto fraco. Eu sempre tenho rixas com os juizes. Se ele é estrangeiro, isto é, se não fala húngaro, não tomo conhecimento das reprimendas. Mesmo que saiba o que está dizendo, finjo não entender. De resto sair do campo por ordem do juiz, muitas vezes saio por livre e espontânea vontade antes de dar um soco de raiva nos meus eternos adversários e algumas vezes verdadeiros inimigos.

Puskas é castanho claro, tem um metro e setenta de altura, setenta e dois quilos de peso e não tem medo de calor. «Afinal, os brasileiros também não são de ferro. Se eu sinto calor, eles também devem sentir e estaremos jogando em igualdade de condições», disse ele, enxugando o suor do rosto no Hotel Glória, cuja temperatura nem de longe pode ser comparada com a do Maracanã. (Mas como naturalmente o jogo será a noite, o calor estará muito mais suave).

JOGO BRASILEIRO

«Os jogadores brasileiros pecam por preferir distrair a assistência com seus passes de mágica em vez de fazer um gol», disse ele antes de afirmar com convicção que entre os jogadores brasileiros que conheceu, considera Didi o melhor em todos os aspectos. «Ele sabe jogar o bom futebol».

«Até 1954 conhecia muito pouco do futebol brasileiro, mas pela fama que tinha, julgava (não sei porque), que tivesse goleiros sensacionais. Não que sejam tão maus, apenas que eu esperava coisa melhor. Os brasileiros não têm coragem de se afastar nem meio metro do gol, não sabem rebater a bola nem jogá-la por cima do arco», comentou ele, ainda falando a respeito do jogo dos brasileiros.

HONVED — SEU ÚNICO CLUBE

Puskas nunca mudou de clube; seu pai já tinha sido jogador do Kiss Pest, que depois mudou o nome para Honved. Começou a jogar lá, em grupos juvenis, aos 10 anos de idade. Em 1943 começou no profissionalismo e desde aí nunca mudou de posição, sempre jogando na meia-esquerda. Nesta posição já jogou em 84 jogos internacionais.

PUSKAS E O REGIME COMUNISTA

«A minha vida na Hungria era muito melhor do que a vida do homem comum. O ordenado médio varia entre 700 e 1.000 forints; eu ganhava 4.500 forints. Além de receber 400 forints por cada jogo que ganhávamos».

Perguntamos em nome de que ele recebia já que na Hungria o football teoricamente é amador.

«Sem que tivesse prestado serviço militar, sem mesmo fazer um estágio entrei para o Exército como capitão e colocaram-me na secção de esportes. Fiquei lá, com toda a liberdade e com muitas regalias. Viajava muito, não tinha que me intrometer em política, conhecia todos os políticos e conseguia muitas vezes modificar até penas de prisão a que amigos eram condenados. Mesmo assim o regime tinha as suas desvantagens. Os vizinhos nos vigiavam e sabia-se sempre, que no momento em que quisessem se ver livres da gente poderiam arranjar motivos suficientes para nos aniquilar em menos de uma hora. Foi o que aconteceu com o Grocsis (o goleiro) que no ano de 1955 foi acusado de contrabando, proibido de jogar durante um ano e depois transferido para um clube do interior. Era difícil se defender da acusação de contrabando porque nós todos trazíamos coisas do exterior para a família e amigos. Deixei lá duas casas, fora aquela onde morava».

TEM QUE ESCOLHER A LIBERDADE

Puskas ainda não resolveu definitivamente se



Puskas, no Hotel Glória, conversando com a reportagem da «REVISTA DA SEMANA».

voltará ou não para a Hungria. Sua mulher e sua filha de quatro anos estão na Riviera Italiana enquanto ele faz a tournée pela América do Sul. Todos os jogadores têm anistia até 31 de março. Isto quer dizer que todos poderão voltar caso queiram.

«O que eu receio é que eu volte e seja recebido com todas as honras, pode ser até que eu ganhe uma estátua, mas acontece que eu já tenho 29 anos, se for muito feliz estarei nesta forma por mais dois ou três anos. Depois disto, entrarei em declínio, isto é, poderei ser substituído facilmente. Então é que eu não sei se se lembrarão de minha indisciplina. O problema portanto é saber se devo ou não me arriscar...»

SAIDA E TOURNÉE

«No dia 23 de outubro começaram os movimentos na Hungria. Tínhamos um jogo marcado para o começo de novembro na Espanha. Parecia que não iríamos. Em três dias Imre Nagy tomou o poder e começou um período de relativa calma. Na primeira reunião que fizemos no Honved resolvemos fazer a tournée. Pegamos as caminhonetes fomos ao Ministério das Relações Exteriores, pedi os passaportes, me deram. Fui até Nagy ele assinou e fomos embora. Dias depois as coisas tornaram-se sangrentas na Hungria. Nossas famílias fugiram e foram reunir-se a nós na Itália».

«A última gota no copo d'água da paciência dos húngaros foi um discurso que Gerő fez aos estudantes. Discurso que ninguém teria tido coragem de fazer mesmo em 1953 quando o comunismo e suas armas estavam no auge da atividade».

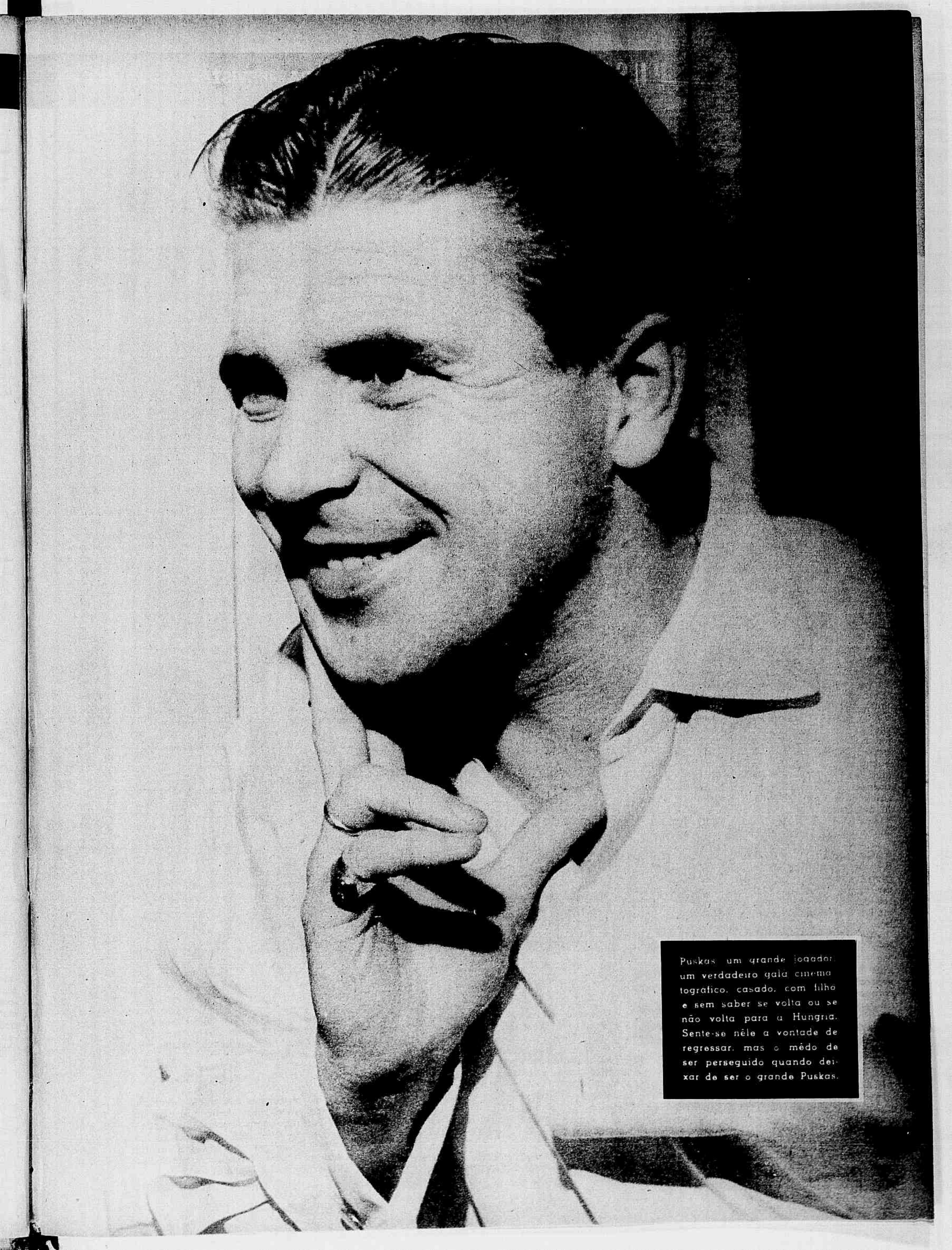
«Já jogamos 20 jogos fora da Hungria. Infelizmente tive que jogar em todos. Mas eu agüento bem».

OS TORCEDORES RUSSOS

«Eu estive três vezes na Rússia. A torcida russa é muito esquisita, batem palmas e assobiam ao mesmo tempo; às vezes assobiam para elogiar, outras para vaiar. O mesmo acontece com as palmas, que em certas ocasiões significa reprovação. A minha tática pessoal é considerar qualquer barulho da assistência como sendo torcida para mim».

FLAMENGO

Puskas considera a atitude do Flamengo uma coisa muito rara. «Acho que poucos clubes do mundo tomariam esta atitude com tanta força e decisão», falou ele, enquanto as pessoas que acompanhavam a delegação traziam as novidades — este clube joga, aquele disse que não, o outro mudou de idéia, etc.



Puskas, um grande jogador,
um verdadeiro galã cinema-
tográfico, casado, com filho
e sem saber se volta ou se
não volta para a Hungria.
Sente-se nele a vontade de
regressar, mas o medo de
ser perseguido quando dei-
xar de ser o grande Puskas.

MORREU

O

MELHOR

HOMEM

MAU

DO

MUNDO

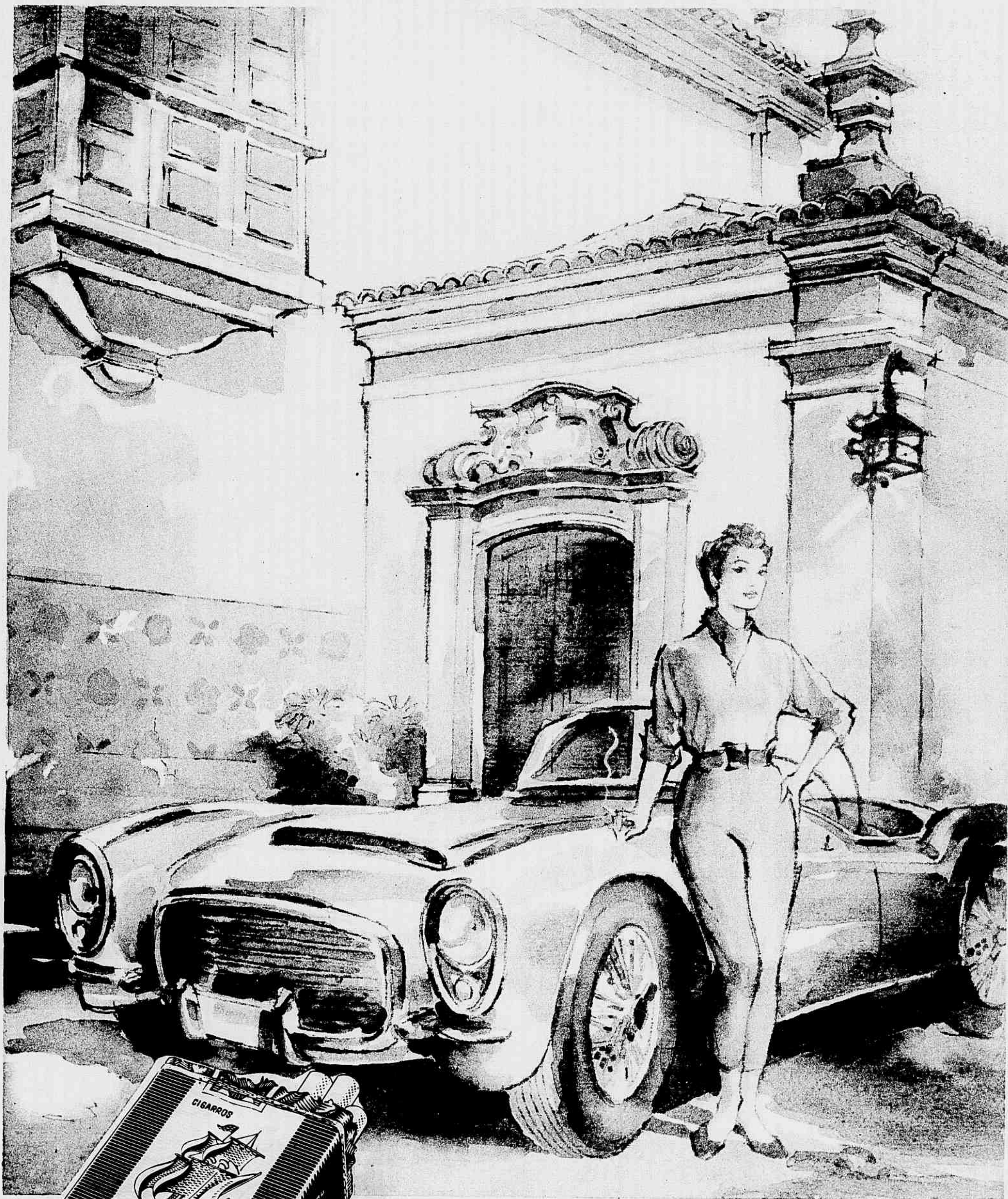
Aos 56 anos de idade (quase que inesperadamente) morreu Humphrey Bogart. Sua vida encheu uma época do cinema. Foi ídolo de milhões, foi um «gangster» realmente mau e um dos mais autênticos «cow-boys». «Casablanca» foi o seu primeiro filme de sucesso. Daí então não parou mais até conquistar o Oscar com o desempenho impressionante de «Uma Aventura na África». Num de seus últimos filmes (ainda inédito no Brasil), Bogart é um jornalista metido com o sórdido mundo do box profissional dos EE.UU. Mas o homem Humphrey Bogart é muito mais impressionante do que o artista. Sempre foi o oposto do que representava na tela. Boníssimo, dedicado à família e aos amigos, sempre com uma blague ou um gesto de ternura. Fracassando no primeiro casamento, divorciou-se, veio a conhecer Lauren Bacall que foi a verdadeira paixão de sua vida. Casou com ela em 1944 e viveram quase 13 anos de felicidade completa. Bacall e os dois filhos do casal, eram os grandes motivos da vida de Bogart. Não aparecia em lugar nenhum, só cuidava do trabalho e de sua casa. Bacall pediu aos jornalistas que não tirassem fotos de seu marido e aos amigos que não enviassem flores. Eram as últimas vontades, dêsse que foi um dos maiores e mais respeitáveis artistas do cinema americano. (Na foto Bogart, Bacal e o segundo filho do casal).

**A FIGURA
EM FOCO**



HENRIQUE PONGETTI

O Pongetti é um bom sujeito e editor muito travêso... gosta das coisas bem claras e do seu Direito e Avêssô.



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ